

Textos e versões

---

R. U. R.  
ROBÔS UNIVERSAIS ROSSUM  
(**R. U. R.** Rossumovi **U**niverzální **R**oboti)

Um melodrama fantástico  
em três atos e um epílogo

Karel Čapek

Carlos Alberto da Fonseca  
Tradução da versão inglesa de Paul Selver  
& Nigel Playfair.

## Karel Čapek

Escrita em 1920, estreia em 25.01.1921 no Teatro Nacional de Praga<sup>1</sup>

Traduzido da versão inglesa de Paul Selver & Nigel Playfair por<sup>2</sup>  
**Carlos Alberto da Fonseca**

---

1 A versão inglesa aqui traduzida estreou em 09.10.1922 no Garrick Theater, em New York, em temporada de 184 performances até fevereiro de 1923. Nova produção de 03.12.1942, com 4 apresentações, no Ethel Barrymore Theatre, também em New York. Há um filme de 1938, com roteiro do autor da peça e de Alex Proyas, que também o dirigiu. Outra versão, de 1948, dirigida por Jan Bussell, com roteiro do diretor, de Čapek e de Paul Selver. A versão inglesa da peça serviu de inspiração para um musical intitulado *Entropics*, encenado em Chicago em 2024, no Theater Wit.

2 Disponível no Gutenberg Project; acesso em 23.06.2024.

## Apresentação

A ação da peça transcorre numa ilha num lugar qualquer de nosso planeta, e ali está situado o escritório central da fábrica de robôs universais Rossum. “Robô” é uma palavra tcheca que significa “operário forçado”.<sup>3</sup> Quando a peça se inicia, algumas décadas à frente dos dias atuais, a fábrica, após seguir uma fórmula secreta, já estava parada, depois de ter produzido milhões de operários, autômatos vivos, manufaturados, sem almas, desejos ou sentimentos. São trabalhadores autopoderosos, eficientes apenas para nada além do trabalho. Cabem em duas especificações, os inabilitados e os habilitados, trabalhadores treinados especialmente fornecidos sob demanda. Quando Helena Glory, presidente da Liga Humanitária, se convence de que algo precisa ser feito para melhorar as condições daquelas criaturas superespecializadas, Harry Domin, gerente geral da fábrica, captura seu coração na corte mais rápida já vista no nosso teatro. Os dois atos seguintes transcorrem dez anos depois. Devido ao desejo de Helena de que os robôs fossem mais iguais aos seres humanos, o Dr. Gall, o chefe do departamento de fisiologia e experimentação, modificou secretamente a fórmula e, depois de ter humanizado algumas centenas, há robôs suficientes para formarem líderes, e uma revolta mundial de robôs vai assumindo forma. Essa revolução é facilmente conduzida, dado que os robôs eram usados há muito tempo como soldados e eram muito mais numerosos que os seres humanos. O restante da peça é um melodrama grandiloquente, soberbamente desenhado, com um punhado de seres humanos na praia enquanto miríades de robôs invisíveis se aproximam deles. A cena final é uma loucura em escala gigantesca. Então vem o epílogo, no qual Alquist, o engenheiro da companhia, não é apenas o único ser humano sobre a ilha, mas também o único que sobrou na face da terra. Os robôs haviam destruído o resto da humanidade. Pouparam sua vida porque era um operário. E ele passa seus dias desejando incessantemente descobrir e reconstruir a fórmula perdida. Os robôs estão perdidos. Salvaram o homem errado. Deveriam ter poupado o médico da companhia. Sabem que seus corpos vão se desgastar com o tempo e não haverá novas multidões de robôs para os substituir. Mas Alquist descobre dois robôs humanizados, um jovem e uma jovem, que têm algo de Adão e Eva, e a plateia logo perceberá que a humanidade vai recomeçar. A Natureza venceu, no fim das contas.

---

3 Capek atribuiu a invenção da palavra a seu irmão Joseph Capek, que morreu no campo de concentração de Berger-Belsen em abril de 1945.

## Personagens

**Harry Domin**, um bonito homem de 35 anos. Enérgico, eficiente e às vezes bem-humorado. Gerente Geral da R.U.R.

**Sulla**, uma figura patética. Robô jovem, bonita e atraente.

**Marius**, um robô jovem, superior aos tipos comuns de sua espécie. Veste-se com roupas modernas.

**Helena Glory**, uma jovem vívida, simpática e bonita.

**Dr. Gall**, um cientista de 50 anos, alto e distinto. Chefe de Fisiologia e Experimentação.

**Fabry**, um engenheiro de 40 anos, enérgico e competente. Engenheiro Geral, controlador técnico da R.U.R.

**Hallemeier**, um homem impressionante de 40 anos. Careca e barbudo. Chefe do Departamento de Treinamento Psicológico da R.U.R.

**Consul Busman**, Administrador geral da R.U.R.

**Alquist**, um velhinho gordinho gentilíssimo de 60 anos. Arquiteto, Chefe do Departamento de Obras da R.U.R.

**Nana**, uma mulher de 40 anos bastante ácida.

**Radius**, um robô alto, enérgico.

**Helena**, uma jovem robô radiante de 20 anos.

**Primus**, um robô jovem bastante atraente.

**Criado - Robô 1. - Robô 2. - Robô 3.**

Nota: Todos os robôs têm rostos inexpressivos e se movem com absoluta precisão mecânica, com exceção de Sulla, Helena Glory e Primus, que apresentam um toque de humanidade.

**Local da ação:** Uma ilha - **Tempo:** Futuro.

**Ato I:** Escritório Central da Fábrica de Robôs Universais Rossum.

**Ato II:** Sala de trabalho de Helena, de manhã, 10 anos depois.

**Ato III:** Mesmo local, à tarde.

**Epílogo:** Um laboratório, um ano depois. Uma ilha.

## Primeiro ato

*(Escritório Central da fábrica Rossum de robôs universais. Entrada na direita baixa. As janelas da parede do fundo abrem para as ruas sem fim dos edifícios da fábrica. Porta na esquerda baixa. Na parede da esquerda grandes mapas com rotas de vapores e estradas. na parede da direita estão abertos cartazes impressos (“robôs mão de obra barata” etc.) Em contraste com essas paredes mal-ajambradas, o piso está coberto por um esplêndido tapete turco, um confortável sofá já no proscênio. Um móvel-estante com garrafas de vinho e licorres em vez de livros.*

*Domin está sentado à sua escrivaninha à esquerda, ditando. Sulla está à máquina de escrever contra a parede. Há um sofá de couro com apoio para braços no centro direita. Na direita extrema um cadeirão. Na esquerda extrema uma poltrona. Há também uma poltrona à frente da escrivaninha de Domin. Dois armários-estantes verdes nos cantos dos fundos da sala completam a mobília. A escrivaninha de Domin está situada no meio do palco de frente para a direita.*

*Pelas janelas se veem fileiras de chaminés da fábrica, postes de telégrafo e fios estendidos. Há uma passagem elevada no centro direita que leva ao armazém. Os robôs são trazidos para o escritório por essa passagem.)*

**DOMIN**

*(ditando)* Pronta?

**SULLA**

Sim.

**DOMIN**

Para McVickeer & Co, Southampton, Inglaterra. “Não oferecemos garantia para mercadorias em trânsito. Tão logo a remessa foi embarcada, chamamos a atenção de seu encarregado para o fato de que a embarcação era inadequada para o transporte de robôs; e, portanto, não somos responsáveis pelas condições e prejuízos com o frete. Atenciosamente, por Robôs Universais Rossum”.

*(Sulla datilografa o texto)*

Pronto?

**SULLA**

Sim.

**DOMIN**

Uma outra carta. Para a Huysn Agency, Nova York, Estados Unidos. “Acusamos o recebimento do pedido de 500 robôs. Dado que estão enviando para cá seu

próprio navio, solicitamos-lhe o obséquio de despachar como nossa encomenda a mesma quantidade de carvão macio e duro para esta R.U.R., cujo valor será creditado como pagamento (*toca o telefone*) da conta que VV.SS. mantêm aberta conosco.” (*atendendo o telefone*) Alô! Escritório central. Sim, com certeza. (*levanta-se*) “Continuamos ao seu inteiro dispor, atenciosamente.” Pronta?

**SULLA**

Sim. (*falando num telefone portátil*) Alô! Sim. Não. Está bem. (*de costas para a mesa, plugando fios numa máquina e apertando botões*)

**DOMIN**

Outra carta. Freidrichswerks, Hamburgo, Alemanha. “Acusamos o recebimento do pedido de 15.000 robôs.”  
(*entra Marius*) O que foi, Marius?

**MARIUS**

Tem uma mulher, senhor, pedindo pra lhe falar.

**DOMIN**

Uma mulher? Quem é ela?

**MARIUS**

Não sei, senhor. Ela me entregou este cartão de visita.

**DOMIN**

(*lendo o cartão*) Ah, é cartão do Presidente Glory. Diga à senhora que entre.  
(*para Sulla; indo para perto da janela, e voltando para sua própria mesa*)  
Onde foi que parei?

**SULLA**

“Acusamos o recebimento do pedido de 15.000 robôs.”

**DOMIN**

Quinze mil. Quinze mil.

**MARIUS**

(*à porta*)

Por favor, entre por aqui.  
(*entra Helena; sai Marius*)

**HELENA**

(*dirigindo-se para a mesa*)  
Como vai o senhor?

**DOMIN**

Como vai? O que posso fazer pela senhora?

**HELENA**

O senhor é Harry Domin, o gerente geral?

**DOMIN**

Sim, sou.

**HELENA**

Vim aqui –

**DOMIN**

Com o cartão do Presidente Glory. Isso já basta para imaginar.

**HELENA**

O Presidente Glory é meu pai. Eu sou Helena Glory.

**DOMIN**

Por favor, se sente. Sulla, você pode ir. (*Sulla sai; Domin se senta do lado esquerdo da escrivaninha*) Como é que posso lhe servir, Miss Glory?

**HELENA**

Eu vim –  
(*senta-se à direita da escrivaninha*)

**DOMIN**

Dar uma olhada nas nossas famosas dependências onde nossas pessoas são manufaturadas. Como fazem todos os nossos visitantes. Bem, não há nenhuma objeção.

**HELENA**

Eu pensava que isso fosse proibido –

**DOMIN**

Entrar na fábrica? Sim, claro que é. Os interessados sempre chegam aqui com um cartão de visitas, Miss Glory.

**HELENA**

E o senhor então lhes mostra –

**DOMIN**

Apenas certas coisas. A manufatura de gente artificial é um processo secreto.

**HELENA**

Se o senhor soubesse o quanto isso me interessa –

**DOMIN**

Não apenas à senhora. A Europa inteira não fala de outra coisa.

**HELENA**

*(virando-se indignadamente para a frente)*

Por que o senhor nunca me espera parar de falar?

**DOMIN**

*(mais seco)*

Peço que me desculpe. A senhora queria dizer alguma coisa diferente?

**HELENA**

Eu só queria perguntar –

**DOMIN**

Se eu poderia abrir uma exceção excepcional no seu caso e lhe mostrar nossa fábrica. Certamente que sim, Miss Glory.

**HELENA**

Como sabia que eu queria dizer isso?

**DOMIN**

É o que todo o mundo diz. Mas vamos considerar uma honra especial mostrar-lhe mais do que para o resto.

**HELENA**

Obrigada.

**DOMIN**

*(em pé)*

Mas precisa concordar em não divulgar a mínima coisa do que vai ver –

**HELENA**

*(em pé, estendendo-lhe a mão)*

Tem minha palavra de honra.

**DOMIN**

Obrigado.

*(olhando para a mão dela)*

Não quer levantar o seu véu?



**HELENA**

Claro, claro. O senhor quer saber se sou uma espiã ou não – me desculpe.

**DOMIN**

*(inclinando-se para a frente)*

O que foi?

**HELENA**

Se importaria em soltar minha mão?

**DOMIN**

*(soltando-a)*

Oh, peço que me desculpe.

**HELENA**

*(levantando o véu)*

Aqui é preciso ser muito cauteloso. não é?

**DOMIN**

*(observando-a com profundo interesse)*

Sim, sim, muito cauteloso. Hm – é claro, naturalmente - Nós – isso é –

**HELENA**

Mas o que há? Qual é o problema?

**DOMIN**

Estou plenamente satisfeito. Fez uma travessia agradável?

**HELENA**

Sim.

**DOMIN**

Nenhuma dificuldade?

**HELENA**

Por que deveria?

**DOMIN**

O que quero dizer é – a senhora é tão jovem.

**HELENA**

Podemos ir diretamente para a fábrica?

**DOMIN**

Sim. Vinte e dois, acho.

**HELENA**

Vinte e dois o quê?

**DOMIN**

Anos.

**HELENA**

Vinte e um. Por que quer saber?

**DOMIN**

Bom, porque – como –  
*(senta-se na mesa mais perto dela)*  
Você vai ficar aqui um longo tempo, não vai?

**HELENA**

*(afastando-se)* Tudo depende de quanta coisa a fábrica me mostrar.

**DOMIN**

Oh, não, não. você vai ver tudo, Miss Glory. Tudo aquilo que quiser. Não quer se sentar?  
*(leva-a para o sofá. Ela se senta. Ele lhe oferece cigarro de uma cigareira na extremidade do sofá. Ela recusa)*

**HELENA**

Não, obrigada.

**DOMIN**

Mas antes de continuarmos, não gostaria de ouvir a história da invenção?

**HELENA**

Sim, naturalmente.

**DOMIN**

*(vai para perto da escrivadinha)*  
Foi no ano de 1920 que o velho Rossum, o grande fisiologista, que era então apenas um jovem cientista, se mandou para esta ilha distante com o propósito de estudar a fauna oceânica.  
*(ela sorri divertida)*  
Nessa ocasião ele tentou, por meio de uma síntese química, imitar a matéria viva conhecida como protoplasma até que descobriu repentinamente uma

substância que se comportava exatamente como uma matéria viva apesar de sua composição ser diferente. Isso aconteceu no ano de 1932, exatamente quatrocentos e quarenta anos depois da descoberta da América. Ufa! –

**HELENA**

Sabe tudo isso de cor?

**DOMIN**

*(pega flores da escrivainha e entrega a ela)*

Sim. Veja bem, a fisiologia não é a minha. Posso continuar?

**HELENA**

*(cheirando as flores)*

Sim, por favor.

**DOMIN**

*(no centro)*

E então, Miss Glory, o Velho Rossum escreveu o seguinte sobre seus experimentos químicos: “A Natureza descobriu apenas um método de organizar a matéria viva. Existe, entretanto, um outro método, mais simples, flexível e rápido que ainda não havia ocorrido à Natureza. Esse segundo processo pelo qual se pode desenvolver a vida foi descoberto por mim hoje.” Agora imagine, Miss Glory, ele escrevendo essas palavras maravilhosas a respeito de uma massa coloidal para a qual nem um cachorro não dirigiria seu olhar. Imagine o Velho Rossum sentado de olho em tubos de ensaio e pensando como toda a árvore da vida cresceria a partir deles, como todos os animais procederiam deles, começando com uma espécie de besouro e terminando com um homem. Um homem com uma substância diferente da nossa. Miss Glory, aquele foi um momento tremendo.

*(pega uma caixinha de doces sobre a escrivainha e passa para ela)*

**HELENA**

Bom –

**DOMIN**

*(enquanto ela fala, o telefone portátil dele dá sinal luminoso e ele responde)*

Bem – Alô! – Sim – não, estou numa entrevista, não me incomode.

**HELENA**

Então?

**DOMIN**

*(sorri)* Bom, o problema era como conseguir vida *fora* dos tubos de ensaio, e apressar o desenvolvimento daquela massa e formar órgãos, ossos e nervos,

e assim por diante, e descobrir substâncias como catalisadores, enzimas, hormônios em suma – me compreende?

**HELENA**

Não muito bem, acho.

**DOMIN**

Não importa.

*(estica-se sobre o sofá e coloca uma almofada para as costas dela)*

Mas então! veja bem, com a intervenção de suas habilidades ele conseguiu fazer tudo o que queria. Poderia ter produzido uma Medusa com o cérebro de Sócrates ou um verme de quinze jardas de comprimento – *(ela ri; ele também; estica-se mais próximo no sofá, e se endireita novamente)*

– mas, agindo sem um grãozinho de humor, ele meteu na cabeça fazer um vertebrado ou talvez um homem. Essa *matéria* viva artificial exibia uma sede furiosa de vida. Aquela matéria não sonhava ser batida ou misturada a uma outra. Isso não podia ser feito com albumina natural. E veja só como foi que ele resolveu aquilo.

**HELENA**

Como foi?

**DOMIN**

Imitando a Natureza. Primeiro de tudo ele tentou fazer um cachorro artificial. Levou nisso muitos anos e resultou numa espécie de bezerro atrofiado que *morreu* poucos dias depois. Vou mostrá-lo a você no museu. E *então* o Velho Rossum deu início à manufatura do *homem*.

**HELENA**

E não posso divulgar isso para ninguém?

**DOMIN**

Para absolutamente ninguém neste mundo.

**HELENA**

Que pena que isso seja descoberto em todos os livros da Europa e da América. *(ambos riem)*

**DOMIN**

Sim. Mas você sabe o que não está nos livros escolares? Aquele Velho Rossum era um maluco. Falando sério, Miss Glory, você tem que manter isso tudo em segredo para si mesma. Aquele velho baratinado queria fazer *gente*.

**HELENA**

Mas você faz gente.

**DOMIN**

*(aproximadamente)*

Miss Glory. Ora, o velho Rossum queria dizer literalmente. Ele queria se tornar uma espécie de substituto científico para *Deus*. Ele era um materialista ferrenho e era por isso que fazia aquilo. Seu único propósito era nada mais nada menos que provar que não se precisava mais de nenhum Deus.

*(vai para a extremidade do sofá)*

Você sabe alguma coisa de anatomia, Miss Glory?

**HELENA**

Muito pouco, senhor Domin.

**DOMIN**

Nem eu. Bom –

*(ele ri)*

Ele então decidiu manufaturar tudo que existisse no corpo humano. Vou lhe mostrar no museu as tentativas desastrosas que produziu durante anos. Sempre era para ser um *homem*, mas vivia apenas três dias. Então apareceu o *jovem* Rossum, um engenheiro. Ele era um sujeito maravilhoso, Miss Glory. Quando ele viu a merda que o velhinho estava fazendo, ele disse: “É um absurdo gastar dez anos tentando fazer um homem. Se não se pode fazê-lo mais rápido do que a Natureza, melhor fechar esse boteco.” Então ele se pôs a estudar anatomia.

**HELENA**

Não existe nada sobre isso nos livros escolares?

**DOMIN**

Não. Os livros escolares estão cheios de anúncios pagos e uma bobagem sem fim. O que os livros escolares dizem sobre os *esforços unidos* dos dois grandes Rossum é tudo historinha de fadas. Eles sofriam fracassos terríveis. O Velho ateu não tinha a menor ideia de assuntos industriais, e no fim das contas o Jovem Rossum o trancava num ou noutro laboratório e o deixava desperdiçar seu tempo com suas monstruosidades enquanto ele próprio desenvolvia o negócio do seu ponto de vista de *engenheiro*. O Velho Rossum o amaldiçoou e antes de morrer conseguiu dar forma a dois horrores fisiológicos. Então um dia o encontraram morto no laboratório. E essa toda a história.

**HELENA**

E o que aconteceu com o jovem?

**DOMIN**

*(senta-se ao lado dela no sofá)*

Bem, qualquer um que pesquisasse a anatomia humana veria que o homem é por demais complicado e que um bom engenheiro poderia simplificá-lo em grande medida. Então o jovem Rossum começou a rever a anatomia para ver o que poderia ser simplificado ou não. Resumindo – Mas isso não está te aborrecendo, Miss Glory?

**HELENA**

Não, de modo algum. Você é – tudo isso é tão interessante.

**DOMIN**

*(fica mais perto)*

então o jovem Rossum disse para si mesmo: “O homem é alguma coisa que sente felicidade, toca piano, gosta de sair para uma caminhada, e, de fato, deseja fazer um monte de coisas que não são realmente necessárias.”

**HELENA**

Oh!

**DOMIN**

Que são desnecessárias quando ele quer –

*(segura a mão dela)*

– digamos, tecer ou contar coisas. Você toca piano?

**HELENA**

Sim.

**DOMIN**

Isso é muito bom!

*(beija a mão dela; ela abaixa a cabeça)*

Oh, me desculpe!

*(levanta-se)*

Mas uma máquina de trabalho não deve tocar piano, não deve sentir felicidade, não precisa fazer um monte de outras coisas. Um motor a gasolina não deve ter pendões e borlas como ornamentos, Miss Glory. E manufaturar operários artificiais é o mesmo que a manufatura de um motor a gasolina.

*(ela se mostra desinteressada)*

O processo deve ser o mais simples possível, e o produto o melhor de um ponto de vista prático.

*(senta-se novamente ao lado dela)*

Qual o tipo de trabalhador você acha ser o melhor do ponto de vista prático?

**HELENA**

*(como que ausente)*

O que?

*(olha para ele)*

**DOMIN**

Qual o tipo de trabalhador você acha ser o melhor do ponto de vista prático?

**HELENA**

*(se recompondo)*

Oh! Talvez aquele que fosse mais honesto e mais esforçado.

**DOMIN**

Não. É o *mais barato*. Aquele cujas pretensões são *as mínimas*. O Jovem Rossum inventou um operário com o mínimo de pretensões. Teve de simplificá-lo ao máximo. Rejeitou tudo que não contribuía diretamente para o progresso do trabalho. Tudo aquilo que fazia o homem ficar mais caro. De fato, *ele rejeitou o homem e fez o robô*. Minha cara Miss Glory, os robôs não são gente. Mecanicamente são mais perfeitos do que nós; possuem uma inteligência enormemente desenvolvida, mas não possuem alma. *(inclina-se para trás)*

**HELENA**

Como sabe que eles não têm alma?

**DOMIN**

Já viu como um robô é por dentro?

**HELENA**

Não.

**DOMIN**

Muito arrumadinho, encaixadinho, muito simples. Realmente um belo trabalho. Não muita coisa *dentro*, mas tudo numa ordem impecável. O produto de um engenheiro *está* tecnicamente num nível mais alto de perfeição do que um produto da Natureza.

**HELENA**

Mas supõe-se que o homem seja um produto de Deus.

**DOMIN**

Tudo ruim. Deus não tem a mínima noção de engenharia moderna. Você acha então que o jovem Rossum procedeu como se fosse Deus?

**HELENA**

*(admirada)*

O que quer dizer?

**DOMIN**

Ele começou a manufaturar super-robôs. Eles eram gigantes regulares. Tentou fazê-los com 4 metros de altura. Mas você não imagina o fracasso que eram.

**HELENA**

Fracasso?

**DOMIN**

Sim. Sem qualquer razão definida seus membros eram utilizados para continuar colhendo coisas. “Evidentemente nosso planeta é pequeno demais para gigantes.” Agora nós fazemos apenas robôs de tamanho normal e de acabamento humano de classe alta.

**HELENA**

*(dá uma flor a ele; ele a coloca na lapela)*

Eu vi os primeiros robôs em casa. O Conselho da Cidade os comprou – quero dizer, foram contratados para trabalhar.

**DOMIN**

Não. Foram comprados, Miss Glory. Robôs são comprados e pagos.

**HELENA**

Foram empregados como varredores de ruas. Eu os vi varrendo. Eram meio estranhos e muito quietos.

**DOMIN**

*(levanta-se)*

A fábrica de Robôs Universais Rossum não produz uma linha uniforme de robôs. Temos robôs de graus *mais finos* e *mais grosseiros*. Os melhores vão viver cerca de *vinte* anos.

*(caminha para a escrivaninha; Helena olha em seu espelhinho de bolsa; ele aperta um botão na escrivaninha)*

**HELENA**

Então eles morrem?

**DOMIN**

Sim, eles se aposentam.

*(entra Marius pela direita, Domin vai para o centro)*



Marius, traga amostras do robô de trabalhos manuais.

*(Marius sai)*

Vou lhe mostrar espécimes dos dois extremos. Esse primeiro é relativamente barato e é feito em grandes quantidades.

*(Marius retorna com dois robôs de trabalhos manuais. Marius está no centro à esquerda, os robôs no centro à direita, Domin perto da escrivaninha. Marius fica na ponta dos pés, toca a cabeça, aperta os braços, a testa de um dos robôs. Eles se mantêm mecanicamente parados.)*

Aí estão eles, tão potentes quanto um pequeno trator. Garantido que têm inteligência média. Assim está bem, Marius.

*(Marius sai com os robôs)*

**HELENA**

Eles me fazem me sentir muito estranha.

**DOMIN**

*(vai para a escrivaninha. Toca a campainha.)*

Viu minha nova datilógrafa?

**HELENA**

Não a vi não. *(entra Sulla pela esquerda. Cruza o palco e para no centro, de frente para Helena, que ainda está sentada no sofá)*

**DOMIN**

Sulla, deixe Miss Glory ver você.

**HELENA**

*(olha para Domin. Levantando-se, dá um passo para o centro)*

Muito prazer em conhecer você.

*(olha para Domin; para a robô)*

Você deve achar terrivelmente chato tudo aqui nesse fim de mundo, não é?

**SULLA**

Não conheço nada além daqui, Miss Glory.

**HELENA**

De onde você veio?

**SULLA**

Da fábrica.

**HELENA**

Oh, desculpe. Onde você nasceu?

**SULLA**

Eu fui feita aqui mesmo.

**HELENA**

O que?

*(olha primeiro para Sulla, depois para Domin)*

**DOMIN**

*(para Sulla, rindo)*

A Sulla é um robô, do grau mais elevado.

**HELENA**

Oh, me desculpe.

**DOMIN**

*(caminha na direção de Sulla)*

A Sulla não está zangada. Veja, Miss Glory, o tipo de pele que fazemos. Sinta o rosto dela. *(Toca a face de Sulla)*

**HELENA**

Oh, não, não.

**DOMIN**

*(examinando a mão de Sulla)*

Você não acharia que ela foi feita de um material diferente do nosso, não é? Dê uma volta, Sulla.

*(Sulla faz o que foi pedido. Dá duas voltas.)*

**HELENA**

Oh, pare, pare.

**DOMIN**

Fale com a Miss Glory, Sulla.

*(examina os cabelos de Sulla)*

**SULLA**

Por favor, se sente.

*(Helena se senta no sofá.)*

Fez uma travessia agradável?

*(ajeita seus cabelos)*

**HELENA**

Oh, sim, com certeza.

**SULLA**

Não volte pelo *Amélia*, Miss Glory, o barômetro está caindo constantemente. Espere pelo *Pensilvânia*. É um bom navio bastante possante.

**DOMIN**

Qual a velocidade dele?

**SULLA**

Quarenta nós por hora. Cinquenta mil toneladas. Um dos navios mais novos, Miss Glory.

**HELENA**

Obrigada.

**SULLA**

Mil e quinhentos na tripulação, Capitão Harry, oito caldeiras –

**DOMIN**

Excelente, Sulla. Agora mostre-nos seu conhecimento de francês.

**HELENA**

Você fala francês?

**SULLA**

Oui! Madame! além da nossa, falo quatro línguas. Posso escrever: “Dear Sir, Cher Monsieur, Geehrter Herr, Caro signore”.

**HELENA**

*(pulando, chega perto de Sulla)*

Oh, isso é um absurdo! A Sulla não é um robô! A Sulla é uma jovem como eu. Sulla, isso é um ultraje - Como pode participar dessa farsa?

**SULLA**

Mas eu sou um robô.

**HELENA**

Não, não, você não está dizendo a verdade.

*(olha para a cara divertida de Domin)*

Eu sei que obrigaram você a me fazer uma advertência. Sulla, você é uma jovem como eu, não é? *(olha para ele)*

**DOMIN**

Sinto muito, Miss Glory. A Sulla é sim um robô.

**HELENA**

É mentira!

**DOMIN**

O que?

*(aperta um botão na escrivaninha)*

Bom, então vou precisar convencer você.

*(entra Marius pela direita; fica em pé na sala perto da porta.)*

Marius, leve a Sulla para a seção de dissecação e digam para abri-la imediatamente.

*(Marius move-se para o centro)*

**HELENA**

Onde?

**DOMIN**

A sala de dissecação. Quando ela estiver toda aberta, você poderá dar uma olhada.

*(Marius faz um movimento na direção de Sulla)*

**HELENA**

*(parando Marius)*

Não! não!

**DOVVVVVVVVVVMIN**

Me desculpe, você falou em mentira.

**HELENA**

É mesmo verdade que a mataria?

**DOMIN**

Ninguém pode matar máquinas. Sulla!

*(Marius dá um passo para trás, um braço esticado. Sulla se move na direção da porta.)*

**HELENA**

*(move-se um passo para a direita)*

Não tenha medo, Sulla. Não vou deixar levarem você. Me diga, minha cara –

*(segura a mão dela)*

Eles são sempre assim cruéis com você? Você não deve tolerar isso, não deve.

**SULLA**

Eu sou um robô.

**HELENA**

Isso não importa. Os robôs são tão bons quanto nós humanos. Sulla, você ia permitir que te cortassem em pedaços?

**SULLA**

Sim. *(afasta-se)*

**HELENA**

Oh, você não tem medo da morte, então?

**SULLA**

Não sei dizer, Miss Glory.

**HELENA**

Você sabe o que ia acontecer com você lá?

**SULLA**

Sim, eu ia parar de me movimentar.

**HELENA**

Que coisa terrível!  
*(olha para Sulla)*

**DOMIN**

Marius, diga para a Miss Glory o que você é.  
*(vira-se para Helena)*

**MARIUS**

*(para Helena)*  
Marius, o robô.

**DOMIN**

Você ia levar a Sulla para a sala de dissecação?

**MARIUS**

*(volta-se para Domin)*  
Sim.

**DOMIN**

Você sentiria pena por ela?

**MARIUS**

*(pausa)* Não sei dizer.

**DOMIN**

O que ia acontecer a ela?

**MARIUS**

Ela ia parar de se movimentar. Iam colocar ela no molde de carimbo.

**DOMIN**

Isso é a morte, Marius. Não tem medo da morte?

**MARIUS**

Não.

**DOMIN**

Tá vendo, Miss Glory, os robôs não têm nenhum interesse pela vida. Não têm que se satisfazer com nada. São menos que um pezinho de grama.

**HELENA**

Oh, pare. Por favor, mande eles embora.

**DOMIN**

*(aperta um botão)*

Marius, Sulla, podem ir agora.

*(Marius pivoteia e sai. Sulla também sai)*

**HELENA**

Que coisa horrível!

*(para o centro)*

É ultrajante o que estão fazendo.

*(ele segura a mão dela)*

**DOMIN**

Por que ultrajante?

*(A mão dele sobre a dela. Rindo)*

**HELENA**

Não sei, mas é. Por que chama ela de Sulla?

**DOMIN**

É um nome bonito, não é?

*(afasta-se)*

**HELENA**

É um nome de homem. Sulla foi um general romano.

**DOMIN**

O que? Oh!

*(ri)*

Nós achamos que Marius e Sulla eram amantes.

**HELENA**

*(indignadamente)*

Marius e Sulla eram generais e lutaram um contra o outro no ano de – me esqueci agora.

**DOMIN**

*(rindo)* Venha aqui para a janela.

*(ele caminha na direção da janela)*

**HELENA**

O que foi?

**DOMIN**

*(rindo)* Venha aqui.

*(ela vai)*

Está vendo alguma coisa?

*(segura o braço dela, que está à direita dele)*

**HELENA**

Pedreiros assentando tijolos.

**DOMIN**

Robôs. Todos os que trabalham aqui são robôs. E lá em baixo, tá vendo alguma coisa?

**HELENA**

Uma espécie de escritório.

**DOMIN**

Um escritório comercial. E lá dentro –

**HELENA**

Uma porção de oficiais.

**DOMIN**

Robôs! Todos os nossos oficiais são robôs. E quando você vir nossa fábrica – *(soa a campainha do meio-dia. Ela se amedronta e projeta o corpo contra o de Domin que ri)*

Se a gente não fizer soar a campainha os robôs não vão parar de trabalhar. Daqui a duas horas vou lhe mostrar a amassadeira.  
(*ambos descem o palco; Helena está no centro esquerda e Domin no centro direita, de braços dados*)

**HELENA**

Amassadeira?

**DOMIN**

O pilão para afinar a pasta. Em cada um deles misturamos os ingredientes para mil robôs em cada operação. Depois virão as cubas para a preparação do fígado, do cérebro, etc. Então você verá a fábrica de ossos. Depois dela vou lhe mostrar o moinho da fiação.

**HELENA**

Moinho da fiação?

**DOMIN**

Sim. Para tecer o emaranhado de nervos e veias. Milhas e milhas de tubos digestivos passam por ali ao mesmo tempo.

**HELENA**

(*olhando os gestos dele*) Não poderíamos falar de outra coisa?

**DOMIN**

Talvez fosse melhor. Somos apenas um *punhado* de nós entre centenas de milhares de robôs, e *nem uma só mulher*. Só falamos sobre a fábrica todo dia, e todo o dia. É com o se a gente vivesse sob uma maldição, Miss Glory.

**HELENA**

Sinto muito que tenha dito que estava mentindo.

(*uma batida na porta da direita*)

Entre. (*ele está no centro*)

(*Pela direita entram o Dr. Gall. o Dr. Fabry, Alquist e o Dr. Hallemeier. Todos agem formalmente – conscientes. Ruído dos saltos de todos ao entrarem*)

**DR. GALL**

(*ruidosamente*) Peço desculpas. Espero que não estejamos sendo intrusos.

**DOMIN**

Não, não. Entrem. Miss Glory, estes são Gall, Fabry, Alquist, Hallemeier. Esta é a filha do Presidente Glory.

(*todos se movimentam na direção dela e apertam sua mão*)



**HELENA**

Como vai?

**FABRY**

A gente não sabia –

**DR. GALL**

Sinto-me extremamente honrado, creia-me. -

**ALQUIST**

Seja bem-vinda, Miss Glory.

**BUSMAN**

*(entra pela direita)* Alô, o que tá acontecendo?

**DOMIN**

Entre, Busman, esta é a filha do Presidente Glory. Esse aí é Busman, Miss Glory.

**BUSMAN**

Por Jeová, que graça!

*(todos batem os saltos e apertam a mão dela)*

Miss Glory, podemos enviar um cabograma para os jornais comunicando sua visita?

**HELENA**

Não, não, por favor não.

**DOMIN**

Sente-se, por favor, Miss Glory.

*(às palavras “Sente-se, por favor”, todos os seis homens tentam achar uma cadeira para ela ao mesmo tempo. Helena vai para a cadeira da extrema esquerda. Domin pega a cadeira que está na frente da escrivaninha, coloca-a no centro do palco. Hallemeier pega a cadeira da escrivaninha de Sulla e a coloca à direita da cadeira do centro. Busman pega a poltrona da direita extrema, mas por enquanto Helena se sentou na cadeira preferida de Domin, no centro. Todos os seis, exceto Domin, se sentam. Busman à direita na poltrona, Hallemeier à direita de Helena, Fabry na cadeira giratória atrás da escrivaninha.)*

**BUSMAN**

Me permita –

**DR. GALL**

Por favor -

**FABRY**

Me desculpe –

**ALQUIST**

Que tipo de viagem você fez para chegar aqui?

**DR. GALL**

Vai ficar muito tempo?

*(Homens conscientes de sua aparência. As barras das calças de Alquist estão muito viradas para cima; ele as ajeita para baixo. Busman dá um brilho nos sapatos. Outros dão nó nas gravatas, etc.)*

**FABRY**

O que pensa da fábrica, Miss Glory?

**HALLEMEIER**

Você meio para cá no Amélia?

**DOMIN**

Fiquem quietos e deixem Miss Glory falar.

*(Os homens se sentam eretos. Domin fica à esquerda de Helena)*

**HELENA**

*(para Domin)*

Sobre o que devo falar a eles?

*(Os homens se entreolham)*

**DOMIN**

Sobre o que quiser.

**HELENA**

*(olha para Domin)*

Posso falar bastante francamente?

**DOMIN**

Com certeza, naturalmente.

**HELENA**

*(para os outros. Vacilante, depois numa resolução desesperada)*

Digam-me, nunca aflige vocês o modo como são tratados aqui?

**FABRY**

Por quem, posso perguntar?

**HELENA**

Por quem... por todos aqui.

**ALQUIST**

Tratados?

**DR. GALL**

O que faz você pensar –

**HELENA**

Vocês não sentem que poderiam estar vivendo uma vida melhor?

*(pausa. todos confusos.)*

**DR. GALL**

*(sorrindo)*

Bem, depende do que você quer dizer, Miss Glory.

**HELENA**

Quero dizer que é absolutamente ultrajante. É terrível.

*(levanta-se)*

A Europa inteira está falando sobre o modo como vocês são tratados. É por isso que vim aqui, para ver por mim mesma, e é mil vezes pior do que pudessem ser imaginado. Como é que vocês podem aguentar isso?

**ALQUIST**

Aguentar isso o quê?

**HELENA**

Deus do céu, vocês são criaturas vivas, assim como nós, como todo mundo na Europa, como o mundo inteiro. É vergonhoso que vocês tenham de viver assim.

**BUSMAN**

Deus do céu, Miss Glory!

**FABRY**

Bom, ela não está tão errada. Vivemos aqui como os pele-vermelhas.

**HELENA**

Pior que os pele-vermelhas. Será que posso – oh, será que posso chamar vocês de irmãos?

*(os homens se entreolham)*

**BUSMAN**

E por que não?

**HELENA**

*(olhando para Domin)*

Irmãos, não vim aqui com o a filha do Presidente. Vim aqui em nome da Liga Humanitária. Irmãos, a Liga Humanitária tem agora mais de duas centenas de membros. Duzentas mil pessoas estão do lado de vocês, e lhes oferecem sua ajuda.

*(batendo nas costas da cadeira)*

**BUSMAN**

Duzentas mil pessoas, Miss Glory; é mesmo muita gente. Nada mau.

**FABRY**

Vivo dizendo pra vocês que não existe nada como a velha boa Europa. Vejam como eles não nos esqueceram. Estão nos oferecendo ajuda.

**DR. GALL**

Que tipo de ajuda? Um teatro, por exemplo?

**HALLEMEIER**

Uma orquestra?

**HELENA**

Mais do que isso.

**ALQUIST**

E justo você?

**HELENA**

*(olhando para Domin)*

Oh, não se preocupem comigo. Vou ficar o tempo que for necessário.

*(todos expressam satisfação)*

**BUSMAN**

Por Jeová, que bom.

**ALQUIST**

*(levantando-se)* Domin, vou preparar o melhor quarto para Miss Glory.

**DOMIN**

Espere um pouco. Receio que Miss Glory seja da opinião de que tem conversado com robôs.

**HELENA**

Naturalmente.  
(*os homens riem*)

**DOMIN**

Sinto muito. Esses cavalheiros são todos seres humanos como nós.

**HELENA**

Vocês não são robôs.

**BUSMAN**

Robôs não.

**HALLEMEIER**            juntos

Robôs mesmo!

**DR. GALL**

Não, obrigado.

**FABRY**

Pela minha honra, Miss Glory,  
não somos robôs.

**HELENA**

Então por que me disseram que todos os seus empregados são robôs?

**DOMIN**

Sim, os oficiais, mas não os gerentes. Mee permita, Miss Glory – este é o Cônsul Busman, Gerente Geral de Negócios; este é o Doutor Fabry, Gerente Geral Técnico; Doutor Hallemeier, chefe do Instituto para Treinamento Psicológico de Robôs; e Alquist, chefe do Departamento de Edificações. Eis a Robôs Universais Rossum. (*conforme são apresentados, eles se levantam e vão para o centro, beijam a mão dela, exceto Gall e Alquist, que Domin afasta. Tagarelice geral.*)

**ALQUIST**

Apenas um construtor. Por favor, se sentem.

**HELENA**

Mee desculpem, cavalheiros. Fiz alguma coisa terrível?

**ALQUIST**

De modo algum, Miss Glory.

**BUSMAN**

*(entregando flores)* Com licença, Miss Glory.

**HELENA**

Obrigada.

**FABRY**

*(ofertando-lhe um bombom)*

Por favor, Miss Glory.

**DOMIN**

Aceita um cigarro. Miss Glory?

**HELENA**

Não, obrigada.

**DOMIN**

Se importa se eu fumar?

**HELENA**

Absolutamente.

**BUSMAN**

Bem, Miss Glory, certamente é muito agradável ter você aqui conosco.

**HELENA**

*(seriamente)*

Mas vocês sabem que eu vim para perturbar os seus robôs.

*(Busman puxa a cadeira para mais perto)*

**DOMIN**

*(zombando do tom sério dela)*

Minha caríssima Miss Glory –

*(riso)* Já tivemos perto de cem salvadores e profetas aqui. Todo navio traz alguns deles. Missionários, anarquistas, Exército da Salvação, todo tipo! É espantoso o número de igrejas e idiotas que existe no mundo.

**HELENA**

E ainda assim você os deixou falarem com os robôs?

**DOMIN**

Até agora permitimos isso a todos. Por que não? O robô se lembra de tudo, mas é só isso. Eles nem mesmo riem do que as pessoas dizem. Realmente é incrível.

**HELENA**

Sou uma tonta mesmo. Me mande de volta no primeiro barco.

**DR. GALL**

Por nada no mundo, Miss Glory. Por que a mandaríamos de volta?

**DOMIN**

Se isso te divertir, Miss Glory, levo você lá para o armazém de robôs. Tem uns trezentos mil lá.

**BUSMAN**

Trezentos e quarenta e sete mil.

**DOMIN**

Bem, você pode dizer o que quiser para eles. Pode ler a Bíblia, recitar a tabuada, tudo o que quiser. Pode até pregar para eles sobre direitos humanos.

**HELENA**

Oh, eu acho que você deveria demonstrar por eles pelo menos um pouco de amor.

**FABRY**

Impossível, Miss Glory! Nada é mais difícil de gostar do que um robe.

**HELENA**

E então, para que você faz esses robôs?

**BUSMAN**

Ha, ha, ha! Essa é boa! Para que são feitos os robôs?!

**FABRY**

Para *trabalhar*, Miss Glory. Um robô pode substituir dois *trabalhadores* e meio. A máquina humana, Miss Glory, era terrivelmente *imperfeita*. Tinha de ser eliminada mais cedo ou mais tarde.

**BUSMAN**

Era cara demais.

**FABRY**

Não era *eficiente*. Há muito tempo não correspondia às exigências da *engenharia moderna*. A Natureza não tem ideia de como acompanhar o ritmo do *trabalho moderno*. Por exemplo, de um ponto de vista técnico, toda a infância é um absurdo completo. Tempo demais perdido. E então novamente –

**HELENA**

*(volta-se para Domin)*

Oh, não, não!

**FABRY**

Me desculpe. Qual é o real objetivo de sua Liga – essa tal Liga Humanitária?

**HELENA**

Seu propósito real é – proteger os robôs- e – assegurar um bom tratamento para eles.

**FABRY**

Não é um mau objetivo, de fato. Uma máquina tem de ser tratada adequadamente.

*(inclina-se para trás)*

*Eu detesto artigos estragados.* Por favor, Miss Glory, inscreva-nos a todos como membros de sua Liga.

*(“Sim, sim” dizem todos os homens.)*

**HELENA**

Não, vocês não entenderam. O que nós queremos de verdade é – *libertar os robôs.*

*(olha para todos os outros)*

**HALLEMEIER**

O que vocês pretendem com isso

**HELENA**

Eles têm de ser – tratados como seres humanos.

**HALLEMEIER**

Eu suponho que eles também vão querer votar. Beber uma cervejinha. Dar ordens pra gente.

**HELENA**

Por que não deveria tomar uma cervejinha?

**HALLEMEIER**

Talvez eles queiram também receber salários, não é?

*(olhando para os outros homens, divertido)*

**HELENA**

E por que não deveriam?!



**HALLEMEIER**

Imagine só isso! Agora! E o que é que eles vão fazer com seus salários? Diz aí!

**HELENA**

Eles poderiam comprar – o que quisessem – o que lhes agradasse.

**HALLEMEIER**

Isso seria muito legal, Miss Glory, só que não existe nada que agrade aos robôs. Por Deus do Céu, o que eles vão querer comprar? A gente pode alimentar esses robôs com abacaxis, morangos, chuchu, o que a gente quiser dar. Para eles é tudo a mesma coisa. Não têm apetite para nada. Não sentem interesse por nada. Por que, apesar de todas as coisas, ninguém nunca viu um robô sorrir.

**HELENA**

Por que – por que vocês não tornam esses robôs mais felizes?

**HALLEMEIER**

Não ia rolar, Miss Glory. Eles são apenas operários.

**HELENA**

Oh, mas são tão inteligentes.

**HALLEMEIER**

Muito confusamente, nada mais que isso. Não possuem nenhuma força de vontade. Nem alma. Nem paixão.

**HELENA**

Nem amor?

**HALLEMEIER**

Amor? Huh! Melhor não. Robôs não amam. Nem a si mesmos.

**HELENA**

Nenhum desafio?

**HALLEMEIER**

Deesafio? Não sei. Apenas muito *raramente*.

**HELENA**

O que acontece então?

**HALLEMEIER**

Nada em particular. Ocasionalmente parecem seguir suas próprias *cabeças*. Uma

coisa como epilepsia, sabe. A isso chamamos “cãimbra de robô”. De repente deixam cair no chão tudo o que estiverem segurando, ficam parados, rangem os dentes – e têm que ser levados para o moinho de estampagem. Evidentemente algum defeito no mecanismo.

**DOMIN**

*(sentando-se na escrivaninha)*

Uma imperfeição nos produtos que tem de ser removida.

**HELENA**

Não, não, é a alma deles.

**FABRY**

*(humoradamente)*

Você acha que a alma se mostra primeiro com um ranger de dentes?

*(os homens riem)*

**HELENA**

Talvez isso seja justamente um sinal de que existe uma luta interna. Talvez seja uma espécie de revolta. Oh, se vocês pudessem infundir uma alma neles.

**DOMIN**

Isso será remediado, Miss Glory. O Dr. Gall está justamente fazendo alguns experimentos.

**DR. GALL**

Não em relação a isso, Domin. No presente estou trabalhando com nervos *dolorosos*.

**HELENA**

Nervos dolorosos?

Dr. Gall

Sim, os robôs praticamente não sentem nenhuma dor corporal. Veja você, o jovem Rossum concebeu os robôs com um limitado sistema *nervoso*. Nós temos que introduzir o sofrimento nesses produtos.

**HELENA**

Por que quer causar dor a eles?

**DR. GALL**

Por razões industriais., Miss Glory. Às vezes um robô causa um dano a si mesmo porque esse dano não o machuca. Ele coloca sua mão dentro da máquina – *(descreve com gestos)* – quebra seu dedo – *(descreve com gesto)* – esmaga

sua cabeça. É sempre assim. Temos que prover os robôs com dor. Seria uma *proteção* automática contra algum dano.

**HELENA**

Eles vão se sentir mais felizes quando sentirem dor?

**DR. GALL**

Ao contrário, mas vão ser mais perfeitos de um ponto de vista técnico.

**HELENA**

Por que não cria uma alma para eles?

**DR. GALL**

Não está ao nosso alcance.

**FABRY**

Não estamos interessados nisso.

**BUSMAN**

Isso aumentaria demais o custo de produção. Suspenda esse assunto, minha cara senhorita, nós os produzimos a um preço tão baixo – cento e quinze dólares cada um, completamente equipados e vestidos, e quinze anos atrás eles custavam dez mil. Há cinco anos costumávamos comprar *roupas* para eles. Hoje temos nosso próprio moinho de confecção e até exportamos roupas cinco vezes mais baratas do que outras fábricas. Quanto você paga por um metro de tecido, Miss Glory?

**HELENA**

*(olhando para Domin)*

Eu realmente não sei. Me esqueci.

**BUSMAN**

Meu Deus. e você quer fundar uma Liga Humanitária. *(os homens riem)* Só nos custa um terço agora, Miss Glory. Todos os preços são hoje em dia um terço do que eram e vão cair mais baixo, mais baixo ainda.

**HELENA**

Não entendo esses cálculos.

**BUSMAN**

Ah Deus te abençoe, Miss Glory, isso significa que o custo do *trabalho* caiu. Um robô, comida e tudo o mais, custa três quartos de um centavo por hora.  
*(inclina-se para a frente)*

Isso é muito importante, sabe. Todas as fábricas vão estourar como pipoca se não comprarem robôs para diminuir o custo de produção.

**HELENA**

E vão ter de despedir todos os seus trabalhadores?

**BUSMAN**

É óbvio. Mas, enquanto isso, despachamos quinhentos mil robôs tropicais para os pampas da Argentina para cultivar milho. Você se importaria em me dizer quanto paga por uma libra de pão?

**HELENA**

Não faço ideia.  
(*todos sorriem*)

**BUSMAN**

Bom, vou lhe dizer. Agora custa dois centavos na boa velha Europa. Uma libra de pão por dois centavos, e a *Liga Humanitária* –

(*aponta Helena*) –

Não sabe disso.

(*para os homens*)

Miss Glory, você não compreende que ainda assim é mesmo muito caro.

(*todos os homens riem*)

Porque, em cinco anos aposto –

**HELENA**

O que?

**BUSMAN**

Que o custo de tudo vai se reduzir a um décimo do valor de hoje. Por que, em cinco anos teremos milho até às orelhas e – tudo o mais.

**ALQUIST**

Sim, e todos os trabalhadores ao redor do mundo vão estar desempregados.

**DOMIN**

(*seriamente, levanta-se*)

Sim, Alquist, todo mundo desempregado. Sim, Miss Glory, todo mundo. Mas em dez anos a Robôs Universais Rossum vai produzir tanto *milho*, tanto *tecido*, tanto tudo que as coisas praticamente não vão ter qualquer preço. Não haverá pobreza. Todo trabalho vai ser feito por máquinas vivas. Todo mundo estará libertado da degradação do trabalho. Todo mundo vai viver apenas para se *aperfeiçoar*.

**HELENA**

Vai, é?

**DOMIN**

Naturalmente. Está para acontecer. Então a servidão do homem pelo homem e a escravização do homem à matéria vai ter um fim. Ninguém vai conseguir pão ao custo de sua vida e de seu ódio. Os robôs vão lavar os pés dos mendigos e preparar uma cama para eles em suas casas.

**ALQUIST**

Domin, Domin, isso que está dizendo se parece com o Paraíso. Havia algo *bom* no servir e algo *grande* na humildade. Havia algum tipo de virtude na *labuta* e na *fadiga*.

**DOMIN**

Talvez, mas não podemos contar com o que se perde quando começamos a transformar o mundo. O homem será *livre* e supremo; não terá outro objetivo, nenhum outro trabalho, nenhum outro cuidado senão se aperfeiçoar. Não vai servir nem a matéria nem o homem. Não será uma máquina nem um dispositivo para a produção. Será o *Senhor* da criação.

**BUSMAN**

Amém.

**FABRY**

Assim seja.

**HELENA**

(*levanta-se*)

Vocês me confundiram. Eu gostaria de acreditar nisso.

**DR. GALL**

Você é mais nova do que nós, Miss Glory. Vai viver para ver isso tudo acontecer.

**HALLEMEIER**

É verdade.

(*olhando ao redor*)

Não acham que a Miss Glory poderia almoçar conosco?

**DR. GALL**

Naturalmente. Domin, convide-a a nosso pedido.

**DOMIN**

Miss Glory, nos daria a honra?

**HELENA**

Quando souberam que eu viria?

**FABRY**

Pela própria Liga Humanitária, Miss Glory.

**HELENA**

Oh, nesse caso talvez –

**FABRY**

Ótimo. *(pausa)*

Miss Glory, me desculpe por cinco minutos.

*(sai pela direita)*

**HALLEMEIER**

Obrigado.

*(sai pela direita com o Dr. Gall)*

**BUSMAN**

*(murmurando)*

Volto em seguida.

*(acena para Alquist, sai)*

**ALQUIST**

*(começa a sair, para, então se vira para Helena, depois vai para a porta)*

Volto em exatamente cinco minutos.

*(sai pela direita)*

**HELENA**

Eles saíram para fazer o quê?

**DOMIN**

Para cozinhar, Miss Glory.

*(à direita dela)*

**HELENA**

Cozinhar o quê?

**DOMIN**

O almoço.

*(riem; ele segura a mão dela)*

Os robôs cozinham para nós e como eles não têm paladar não é de todo agradável -

*(ela ri)*

O Hallemeier é terrivelmente bom na grelha e o Dr. Gall sabe fazer todo tipo de molhos, e o Busman sabe tudo de omeletes.

**HELENA**

Oh mas que banquete! E qual é a especialidade do Sr. – seu construtor?

**DOMIN**

O Alquist? Faz nada. Apenas põe a mesa. E o Fabry arranja algumas frutas. Nossa cozinha é muito modesta, Miss Glory.

**HELENA**

*(pensativamente)* Eu queria lhe fazer uma pergunta -

**DOMIN**

E eu queria lhe fazer uma pergunta também – eles estarão de volta em cinco minutos.

*(olha para a porta à direita)*

**HELENA**

O que queria me perguntar?

*(senta-se ao centro)*

**DOMIN**

Me desculpe, você pergunte primeiro,

*(senta-se à direita dela)*

**HELENA**

Talvez seja uma bobagem de minha parte, mas por que você manufatura robôs femininos se – se –

**DOMIN**

Se o sexo não significa nada para eles?

**HELENA**

Sim.

**DOMIN**

Existe uma demanda certa, sabe. Criadas, balconistas, estenógrafas. As pessoas estão acostumadas a usar essas trabalhadoras.

**HELENA**

Mas – mas me diga, os robôs são masculinos e femininos, exclusivamente – completamente sem –

**DOMIN**

Completamente indiferentes um ao outro, Miss Glory. Não existe nenhum traço de qualquer afeto entre eles.

**HELENA**

Oh, que coisa terrível.

**DOMIN**

Por quê?

**HELENA**

Não é nem um pouco natural. Não se sabe se devemos sentir nojo ou ódio deles, ou talvez –

**DOMIN**

Sentir piedade deles.  
(*sorri*)

**HELENA**

Mais ou menos isso. O que você queria me perguntar?

**DOMIN**

Eu gostaria de lhe perguntar, Miss Helena, se você se casaria comigo.

**HELENA**

O que?  
(*levanta-se*)

**DOMIN**

Você seria minha esposa?  
(*levanta-se*)

**HELENA**

Não. Que ideia!

**DOMIN**

(*para ela, olhando no relógio no seu pulso*)  
Três minutos ainda. Se você não se casar comigo vai ter de se casar com um dos outros cinco.



**HELENA**

Mas por que eu teria que fazer isso?

**DOMIN**

Porque todos eles vão lhe fazer essa pergunta.

**HELENA**

*(cruzando com ele no centro direita)*

Como eles ousariam fazer isso comigo?

**DOMIN**

Sinto muito, Miss Glory. Parece que eles se apaixonaram por você.

**HELENA**

Por favor, não permita que eles – Eu – eu vou embora já.

*(vai sair pela direita, ele a interrompe, os braços para cima)*

**DOMIN**

Helena –

*(ela volta para a escrivaninha; ele a segue)*

Você não seria cruel em se recusar a nós.

**HELENA**

Mas, mas – Não posso me casar com os seis.

**DOMIN**

Não, com qualquer um deles. Se não se *casar comigo*, case com o Fabry.

**HELENA**

Não quero.

**DOMIN**

Ah! O Doutor Gall?

**HELENA**

Não quero nenhum de vocês.

**DOMIN**

Dois minutos ainda.

*(implorando; olhando o relógio)*

**HELENA**

Eu acho que vocês se casariam com qualquer mulher que viesse aqui.

**DOMIN**

Um *monte* delas veio aqui, Helena.

**HELENA**

(*rindo*)

Jovem?

**DOMIN**

Sim.

**HELENA**

Por que não se casou com uma *delas*?

**DOMIN**

Porque não tinha perdido minha cabeça. Até hoje – assim que você ergueu seu véu –

(*Helena vira o rosto para outro lado*)

Mais um minuto.

**HELENA**

Mas eu não quero você, já lhe disse.

**DOMIN**

(*Colocando as mãos no ombro dela*)

Um minuto ainda! Agora ou você tem que me olhar diretamente nos olhos e dizer “não” violentamente, e então eu te deixo em paz – ou –

(*Helena olha para ele. Solta as mãos dela. Ela pega a mão dele*)

**HELENA**

(*virando a cabeça para outro lado*)

Você tá maluco.

**DOMIN**

Um homem tem que ser um pouquinho louco, Helena. É a melhor coisa que se pode dizer sobre ele.

(*ele a puxa para si*)

**HELENA**

(*meio sem noção*)

Você é – você é -

**DOMIN**

O que foi?

**HELENA**

Não, está me machucando!

**DOMIN**

Sua última chance, Helena. Agora ou nunca –

**HELENA**

Mas – mas –

*(ele a abraça; beija-a. ela o abraça. Alguém bate à porta da direita)*

**DOMIN**

*(soltando-a)*

Venha.

*(ela coloca sua cabeça no ombro dele)*

*(entram Busman, Gall e Hallemeier vestindo aventais, Fabry com um buquê e Alquist com um guardanapo no braço)*

**DOMIN**

Já terminou seu trabalho?

**BUSMAN**

Sim.

**DOMIN**

Nós também.

*(ele a abraça. Os homens correm ao redor deles e os cumprimentam)*

*Cortina se fecha rapidamente.*

## Segundo ato

*(Sala de estar de Helena. Dez anos depois. O esquema básico do ato I permanece quase o mesmo. Janelas altas no fundo em vez das janelas do ato I. Persianas de aço para essas janelas. No lugar do armário verde agora tem uma porta, à direita, que leva para fora. Onde estava o banheiro à direita foi colocada uma lareira. A saída para o vestíbulo da centro direita está bloqueada por um móvel baixo. As portas da direita e da esquerda foram modificadas e são aquelas da sala de estar. A porta da direita leva ao quarto de dormir de Helena. A porta da esquerda leva à biblioteca.*

*A mobília consiste em uma mesa de leitura no centro esquerda coberta de revistas. Uma cadeira à esquerda da mesa. Na frente da mesa uma cadeira de braços coberta de chintz. Um sofá centro direita e atrás dele uma mesa pequena com livros e suportes para livros. Sobre essa mesa um pequeno abajur. À direita entre a porta e a lareira há uma mesinha. Um cestinho sobre ela, com alfinetes, agulhas, etc. No palco baixo à esquerda da lareira há uma cadeira de encosto reto. No alto do palco à esquerda perto da porta da esquerda para fora há uma escrivaninha. Um abajur sobre ela, papel de escritório, etc., um telefone e binóculos.*

*As paredes da sala foram cobertas de seda até meia altura. As duas portas francesas abrem para a sala. No início estão abertas. Há um balcão além, que abre para o porto. Os mesmos fios de telégrafo do ato I podem ser vistos pela janela. As janelas estão fechadas com cortinas de cor cinza. Binóculos sobre a escrivaninha encimada por um televisor.*

*São cerca de nove horas da manhã e a luz do sol entra pelas janelas abertas. Domin abre a porta da direita; entra na ponta dos pés. Traz um vaso com flores. Acena para que outros o sigam, e Hallemeier e Fabry entram, cada um com um vaso com flores. Domin coloca flores na mesa da biblioteca e vai para a direita e olha para o quarto de Helena à direita.*

**HALLEMEIER**

*(colocando suas flores na mesa da centro esquerda e aponta para a porta à direita) Tá dormindo ainda?*

**DOMIN**

Sim.

**HALLEMEIER**

Bem, enquanto ela estiver dormindo não vai se preocupar com isso.  
*(continua perto da mesa do centro esquerda)*

**DOMIN**

Ela não sabe de nada sobre isso.

**FABRY**

*(colocando o vaso na escrivaninha)*

Eu espero mesmo que nada aconteça hoje.

**HALLEMEIER**

Pelo amor de Deus, largue tudo. Olha, isso aqui é um ciclâmen, não é? Uma espécie nova, a mais recente – Cyclamen Helena.

**DOMIN**

*(Pega os binóculos e vai para o balcão)*

Nenhum sinal do navio. As coisas devem estar muito ruins.

**HALLEMEIER**

Fique quieto. Imagine se ela te ouve.

**DOMIN**

*(entrando na sala, coloca os óculos sobre a escrivaninha)*

**FABRY**

Você acha mesmo que hoje -?

**DOMIN**

Não sei.

*(atravessa para a mesa do centro esquerda)*

As flores não são bonitas?

**HALLEMEIER**

*(acaricia as flores)*

Essas são minhas primulas. E esse é meu novo jasmim. Descobri um modo maravilhoso de desenvolver rapidamente as flores. Variedades esplêndidas também. No ano que vem vou desenvolver umas espécies maravilhosas.

**DOMIN**

Por que no ano que vem?

**FABRY**

Daria um presente para saber o que está acontecendo no Havre com –

**HELENA**

*(fora)*Nana.

**DOMIN**

Fiquem quietos. Ela está acordada. Vão pra fora.  
(saem todos na ponta dos pés pela porta da esquerda. Entra Nana pela esquerda)

**HELENA**

(chamando da direita) Nana?

**NANA**

Que merda de bagunça é essa! Bando de gente pagã. Se eu mandasse aqui –  
(Helena parada perto da porta, no lado de dentro do quarto)

Tô chegando. Finalmente você tá de pé.

(ajeitando o vestido de Helena)

Meu Deus misericordioso, que gente bruta!

**HELENA**

Quem?

(virando-se)

**NANA**

Se você vai dar uma volta, então dá uma volta, mas assim não consigo te arrumar o vestido.

**HELENA**

(vira de costas)

Do que é que está reclamando agora?

**NANA**

Aquelas criaturas medonhas, aqueles incréus –

**HELENA**

(girando ao redor de Nana novamente)

Os robôs?

**NANA**

Eu nem chamaria eles com esse nome.

**HELENA**

O que aconteceu?

**NANA**

Um outro deles pegou e começou a quebrar as estátuas e os quadros da sala de estar; rangia os dentes; espumava pela boca. Pior que uma fera.

**HELENA**

Quem pegou ele?

**NANA**

Aquele – bem, ele não tem nome cristão. O que toma conta da biblioteca.

**HELENA**

O Radius?

**NANA**

Esse aí. Meu deusinho. Me cago de medo dele. Uma aranha caranguejeira não me dá tanto medo como eles.

**HELENA**

Mas Nana, estou surpresa que não tenha pena deles.

**NANA**

E por que? você também tem medo deles. Você se conhece. Por que você me trouxe pra cá?

**HELENA**

Eu não tenho medo, não tenho mesmo, Nana. Só tenho pena deles.

**NANA**

Você tem medo. Ninguém pode ajudar se sentir medo. Até o cachorro tem medo deles. Não aceita um teco de comida das mãos deles. Ele estica o rabo e rosna quando sabe que estão por perto.

**HELENA**

Um cachorro não tem noção de nada.

**NANA**

Ele é melhor que eles, e sabe disso. Até o cavalo se intimida quando encontra eles. Eles não têm filho, e o cachorro tem filhote, todo mundo tem filho –

**HELENA**

*(virando-se de costas)* Por favor, feche meu vestido, Nana.

**NANA**

Eu digo que isso é contra a vontade de Deus –

**HELENA**

Que cheirinho tão bom é esse?

**NANA**

Flores

**HELENA**

Para quê?

**NANA**

Agora você pode se virar.

**HELENA**

*(vira-se, caminha para o centro)*

Oh, elas não são tão bonitas! Olhe, Nana, O que está acontecendo hoje?

**NANA**

Deve ser o fim do mundo, isso sim.

*(entra Domin pela esquerda; atravessa na frente da mesa para o centro esquerda)*

**HELENA**

*(atravessa na direção dele)*

Oh, olá Harry.

*(Nana sobe pela esquerda)*

Harry, por que todas essas flores?

**DOMIN**

Adivinhe.

*(esta cena é representada defronte a mesa do centro esquerda)*

**HELENA**

Bem, não é meu aniversário!

**DOMIN**

Melhor que isso.

**HELENA**

Eu não sei. Me diga.

**DOMIN**

*Hoje faz dez anos desde o dia que você chegou aqui.*

**HELENA**

Dez anos? Hoje? Por que –

*(se abraçam)*



**NANA**

*(murmurando) Tô fora.  
(sai pela esquerda)*

**HELENA**

Legal você se lembrar.

**DOMIN**

Estou é envergonhado, Helena. Não me lembrei.

**HELENA**

Mas você –

**DOMIN**

*Eles lembraram.*

**HELENA**

Quem?

**DOMIN**

Busman, Hallemeier – todos eles. Coloque sua mão em meu bolso.

**HELENA**

*(tira um colar do bolso esquerdo da jaqueta dele)*  
Oh! Pérolas! Um colar! Harry, isto é para mim?

**DOMIN**

Foi o Busman que deu.

**HELENA**

Mas não podemos aceitar, podemos?

**DOMIN**

Oh, claro que podemos. *(coloca o colar sobre a mesa do centro esquerda)*  
Coloque a mão no outro bolso.

**HELENA**

*(tira um revólver do bolso direito dele)*  
O que é isso?

**DOMIN**

Desculpe. Não isso. Coloque aí de novo.  
*(ele recoloca a arma no bolso)*

**HELENA**

Oh, Harry, por que você anda com um revólver?

**DOMIN**

Coloquei aí por engano.

**HELENA**

Você nunca andou armado.

**DOMIN**

Não, você tá certa.

*(aponta o bolso do peito da jaqueta)*

Aqui, nesse bolso.

**HELENA**

*(tira um camafeu)*

Um camafeu. Mas é um camafeu grego.

**DOMIN**

Parece que sim. Mas o Fabry poderá lhe dizer.

**HELENA**

Fabry? Foi o Dr. Fabry que me deu isso?

**DOMIN**

Sim, claro.

*(abre a porta da esquerda)*

E olhe ali dentro. Helena, venha ver isso aqui.

*(ambos saem para a esquerda)*

**HELENA**

*(do lado de fora)*

Oh, que beleza! É seu presente?

**DOMIN**

Não, do Alquist. E tem um outro sobre o piano.

**HELENA**

Esse tem que ser o seu.

**DOMIN**

Tem um cartão com ele.

**HELENA**

Do Dr. Gall.

(reaparecendo na soleira da porta da esquerda)

Oh, Harry, fico embaraçada com tanta gentileza.

**DOMIN**

(*entra para a direita da mesa centro esquerda*)

Venha cá. Isso é o que o Hallemeier trouxe para você.

**HELENA**

(*à esquerda da escrivaninha*)

Essas flores tão bonitas?

**DOMIN**

Sim. É uma espécie nova. Cyclamen Helena. Ele a desenvolveu em sua honra.

São quase tão bonitas quanto você.

**HELENA**

(*beijando-o*) Harry, Por que eles todos –

**DOMIN**

Eles te admiram profundamente. Tenho medo que meu presente seja um pouco... Olhe pela Janela.

(*cruxa para a janela e olha para ela*)

**HELENA**

Onde?

(*saem para o balcão*)

**DOMIN**

Lá no porto.

**HELENA**

Tem um navio novo lá.

**DOMIN**

É o seu navio.

**HELENA**

Meu? O que quer dizer?

**DOMIN**

Para você viajar nele – Para se divertir viajando.

**HELENA**

Harry, mas é um navio de guerra.

**DOMIN**

Navio de guerra? O que está pensando? É só um pouco maior e mais sólido que a maioria dos navios.

**HELENA**

Sim, mas tem canhões.

**DOMIN**

Oh, sim, alguns canhões. Você vai viajar como uma *rainha*, Helena

**HELENA**

O que significa isso? Aconteceu alguma coisa?

**DOMIN**

Deus do céu, não. Oh, experimente essas pérolas.  
(*cruza para a direita da mesa do centro esquerda*)

**HELENA**

Harry, alguma notícia ruim para me dar?

**DOMIN**

Ao contrário, não recebo nenhuma carta faz uma semana.

**HELENA**

Nem um telegrama?  
(*entrando na sala no centro*)

**DOMIN**

Nem um telegrama.

**HELENA**

O que significa tudo isso?

**DOMIN**

Férias para nós! Vamos todos nos sentar no escritório, colocar os pés sobre as mesas e tirar um bom cochilo. Nenhuma carta – nenhum telegrama. A glória!

**HELENA**

Então vai ficar comigo o dia inteiro?

**DOMIN**

Com toda certeza.

*(abraça-a)*

Ou melhor, vamos ver. Você se lembra de dez anos atrás neste dia?

*(cruza para a esquerda da mesa centro direita)*

Miss Glory, é uma grande honra recebê-la.

*(assumem as mesmas posições em que se encontravam dez anos antes no escritório de Domin.)*

**HELENA**

*(à mesa)*

Oh, Sr. Gerente, estou muito interessada em sua fábrica.

*(senta-se à direita da mesa)*

**DOMIN**

Sinto muito, Miss Glory, isso está estritamente proibido. A manufatura de pessoas artificiais é secreta.

**HELENA**

Mas para agradecer uma jovem que percorreu um longo caminho até chegar aqui...

**DOMIN**

*(apoia-se na mesa)*

Certamente, Miss Glory. Não tenho segredos para você.

**HELENA**

Tem certeza, Harry?

*(apoiando-se na escrivaninha, séria, a mão direita dele sobre a dela)*

**DOMIN**

Sim.

*(eles se separam gradualmente)*

**HELENA**

Mas eu o preveni, senhor, esta jovem pretende fazer coisas terríveis.

**DOMIN**

Por Deus, Miss Glory. Talvez ela não queira se casar comigo.

**HELENA**

Deus me livre. Ela nunca sonhou com uma coisa dessa. Mas ela chegou aqui pretendendo iniciar uma *revolta* entre os nossos *robôs*.

**DOMIN**

Uma revolta dos robôs?!

**HELENA**

*(voz baixa)*

Harry, o que está havendo com você?

**DOMIN**

*(rindo disso)*

Uma revolta dos robôs, uma grande ideia.

*(cruza para o lado de trás da mesa. Ela o observa suspeitamente)*

Miss Glory, seria mais fácil para você fazer parafusos e porcas se rebelarem do que nossos robôs. Sabe, Helena, você é maravilhosa. Você conquistou os corações de todos nós.

*(senta-se na mesa)*

**HELENA**

Oh, eu fiquei terrivelmente impressionada com vocês então. Vocês eram todos tão seguros de si, tão fortes. Eu parecia uma meninotinha que tinha perdido seu caminho entre – entre –

**DOMIN**

Entre o quê?

**HELENA**

*(na frente)*

Entre enormes árvores assustadoras. Todos os meus sentimentos eram tão insignificantes comparados com sua autoconfiança. E em todos esses anos nunca *perdi* essa ansiedade. Mas você nunca sentiu o menor receio, mesmo quando tudo deu errado.

**DOMIN**

O que deu errado?

**HELENA**

Seus planos. Você se lembra, Harry, quando os operários na América se revoltaram contra os robôs e os esmagaram, e quando o povo deu aos robôs armas contra os rebeldes. E depois quando os governos transformaram os robôs em soldados, e houve então muitas *guerras*.

**DOMIN**

*(levantando-se e caminhando)*

Nós previmos aquilo, Helena.

*(ao redor da mesa do centro direita)*

Veja bem, esses são apenas problemas passageiros que certamente acontecerão antes que as novas condições sejam estabelecidas.

*(caminhando para cima e para baixo, parando no centro.)*

**HELENA**

Vocês eram todos tão poderosos, tão esmagadores. O mundo inteiro se curvava diante de vocês.

*(levantando-se)*

Oh, Harry!

*(cruza na direção dele)*

**DOMIN**

O que foi?

**HELENA**

Feche a fábrica e vamos embora. Todos nós.

**DOMIN**

o que significa o que está dizendo?

**HELENA**

Eu não sei. Mas não podemos ir embora?

**DOMIN**

Impossível, Helena! Quer dizer, pelo menos neste momento –

**HELENA**

Imediatamente, Harry. Estou com tanto medo

**DOMIN**

*(abraça-a)*

Medo de que, Helena?

**DOMIN**

É como se alguma coisa estivesse caindo sobre nós, e não pode ser impedida. Oh, leve nós todos embora daqui. Havemos de encontrar um lugar no mundo onde não exista mais ninguém. O Alquist pode nos construir uma casa e então vamos começar a viver outra vez.

*(o telefone toca)*

**DOMIN**

*(caminha na direção do telefone na escrivaninha)*

Me desculpe. Alô – sim o quê? Vou para aí imediatamente. O Fabry está me chamando, meu bem.  
(*atravessa para a esquerda*)

**HELENA**

Me conta –  
(*Corre na direção dele*)

**DOMIN**

Sim, quando eu voltar. Não saia para fora da casa, meu bem.  
(*sai pela esquerda*)

**HELENA**

Ele não vai me dizer.  
(*Nana entra com uma garrafa d'água pela esquerda*)  
Nana, veja para mim os jornais de hoje. Depressa. Olhe na cama do Sr. Domin.

**NANA**

Tá certo. (*atravessa para a direita*)  
Aquele lá larga tudo em qualquer lugar. É assim que fazem essa bagunça toda.  
(*continua murmurando; sai pela direita*)

**HELENA**

(*olhando para o porto pelos binóculos*)  
Tem um navio de guerra no porto. U-l-t-i – *Ultimus*. Está sendo carregado.

**NANA**

(*entra pela direita com os jornais*)  
Tão aqui. Tava tudo amassado desse jeito.

**HELENA**

(*cruza para baixo*) Esses são velhos, Nana. Da semana passada. (*deixa os jornais caírem; ambas defronte o sofá; Nana senta-se à direita da mesa. Coloca os óculos. Lê os jornais*) Tem alguma coisa acontecendo, Nana.

**NANA**

Muito provavelmente. Sempre acontece alguma coisa aqui.  
(*soletrando as palavras*)  
“Guer-ra-nos-Bal-cãs”. É muito longe esse lugar?

**HELENA**

Oh, não leia isso. É sempre a mesma coisa. Sempre uma guerra!  
(*senta-se no sofá*)



**NANA**

O que mais você tá esperando? Por que continuam vendendo milhares e milhares desses pagãos como soldados?

**HELENA**

Eu acho que não dá para fazer nada, Nana. Não dá pra saber – o Domin não tem como saber para que eles servem. Quando chega um pedido ele simplesmente manda um monte deles.

**NANA**

Ele não devia fazer eles.

*(lendo nos jornais)*

“Os robôs soldados não poupam ninguém nos terri-tó-ri-os ocu-pa-dos. Eles a-ssa—ssi-na-ram assassinaram mais de se-te se-te-cen-tos mil ci-da-de-ãos “ cidadãos, é.

**HELENA**

*(levanta-se, caminha e pega o jornal)*

Não acho. Onde é que está? Me deixa ver. Eles assassinaram setecentos mil cidadãos, evidentemente por ordem de seu comandante.

*(deixa cair o jornal; atravessa de volta para o centro)*

**NANA**

*(soletrando as palavras de outro jornal que pegou do chão)*

“Re-be-liã-o em Ma-dre Ma-dri con-contra o go-ver-erno governo. Infan-fan-ta-ri-a Infantaria de ro-bôs atira na mul-multi-multidão. No-ve mil mor-tos e fe-ri-dos.”

**HELENA**

Oh, pare!

*(sobe e olha para o porto)*

**NANA**

Tem alguma coisa aqui nessas letras bem grandes. “Úl-ti-mas no-tí-ci-as. No Havre fo-i cons-ti-tuí-titui-da a pre-pri-me-i-ra or-ga-nização de ro-bôs.” Mais essa agora. “Ope-râ-rios ro-bôs, ma-mari-nhei-ros e solda-dos lan-ça-ram um ma-ni-fes-to a to-todos os ro-bôs do do mundo.” Não compreendo uma coisa dessa. Não faz sentido. Oh, Deus de graça, mais gente morrendo.

**HELENA**

*(no centro)*

Leve esses jornais embora.

**NANA**

Espera um pouco. tem alguma coisa em letras maiores ainda." E-esta-tís-ti-ca Estatística da po-pu-la-ção Estatística da população" O que vem a ser isso?

**HELENA**

*(descendo para Nana)*

Me deixe ver.

*(lê)*

Durante a semana passada não foi registrado um único nascimento."

**NANA**

Que que significa isso?

*(deixa cair o jornal)*

**HELENA**

Nana, não tem mais gente nascendo.

**NANA**

É o fim, então?

*(tirando os óculos)*

Chegou nosso fim.

**NANA**

Não diga uma coisa como essa.

**NANA**

Não tá mais nascendo gente. É um castigo. É uma punição.

**HELENA**

Nana!

**NANA**

*(em pé)*

É mesmo o fim do mundo.

*(repete até sair. pega jornais do chão. sai pela esquerda)*

**HELENA**

*(vai para a janela)*

Oh, Sr. Alquist.

*(Alquist está fora dali)*

Pode vir aqui? Oh, venha do jeito que estiver. Você fica muito bem com esse macacão de pedreiro.

*(Alquist entra pela esquerda, as mãos sujas de massa de cimento e pó de tijolo)*

los. ela vai para a ponta do sofá.)

Meu caro Senhor Alquist, foi extremamente gentil de sua parte aquele lindo presente.

**ALQUIST**

Minhas mãos estão sujas. Estive *experimentando* com aquele novo cimento.

**HELENA**

Não se incomode. Por favor, se sente.

(*senta-se no sofá. ele se senta à esquerda dela*)

Sr. Alquist, o que significa *Ultimus*?

**ALQUIST**

O último. Por quê?

**HELENA**

É o nome de meu novo navio. Você o viu? Acha que partiremos em breve – numa viagem?

**ALQUIST**

Talvez *bastante* brevemente.

**HELENA**

Todos vocês comigo?

**ALQUIST**

Eu gostaria que *todos* nós estivéssemos lá.

**HELENA**

Por qual razão?

**ALQUIST**

As coisas estão apenas se movimentando.

**HELENA**

Caro Sr. Alquist, sei que alguma coisa terrível aconteceu.

**ALQUIST**

Seu marido lhe *contou* alguma coisa?

**HELENA**

Não. *Ninguém* me conta nada aqui. Mas eu sinto – há algum problema?

**ALQUIST**

Não que já tenhamos ouvido falar.

**HELENA**

Me sinto tão nervosa. Você não se sente nervoso?

**ALQUIST**

Bom, eu sou um homem velho, você sabe. Tenho modos antiquados. Tenho medo de todo esse progresso, e dessas ideias criativas.

**HELENA**

Assim como a Nana?

**ALQUIST**

Sim, como a Nana. A Nana tinha um livro de orações?

**HELENA**

Sim, um grande e grosso.

**ALQUIST**

E ele continha orações para ocasiões variadas? Contra tempestades? Contra doenças? Mas não contra o *progresso*?

**HELENA**

Eu acho que não.

**ALQUIST**

Que pena.

**HELENA**

Por que, quer dizer que gostaria de rezar?

**ALQUIST**

Mas eu rezo.

**HELENA**

Como?

**ALQUIST**

Mais ou menos assim: “Senhor, eu vos agradeço por me teres dado trabalho; iluminai Domin e todos aqueles que estão perdidos; destruí o trabalho deles, e ajudai a humanidade a retornar aos seus trabalhos; não permitais sofrimento para sua alma ou corpo; livrai-nos dos robôs e protegei Helena. Amém”

**HELENA**

*(toca o braço dele; dá um tapinha)*

Sr. Alquist, você é um crente?

**ALQUIST**

Não sei. Não tenho certeza.

**HELENA**

E ainda reza?

**ALQUIST**

É melhor do que se *preocupar* com isso.

**HELENA**

E isso lhe basta?

**ALQUIST**

*(ironicamente)*

Tem que bastar.

**HELENA**

Mas se você pensou que viu a destruição desabando sobre nós –

**ALQUIST**

Eu a vejo mesmo.

**HELENA**

Você quer dizer que a humanidade será destruída?

**ALQUIST**

Ela está fadada a ser a menos que – a menos que.

**HELENA**

A menos que o quê?

**ALQUIST**

Nada.

*(dá um tapinha no ombro dela. levanta-se)*

Adeus.

*(sai pela esquerda)*

**HELENA**

*(levanta-se. chamando)*

Nana, Nana!  
(*Nana entra pela esquerda*)  
O Radius ainda está aí?

**NANA**

Aquele que ficou doido? Ainda não vieram buscar ele não.

**HELENA**

Ele ainda está delirando?

**NANA**

Não. Deram um jeito de amarrar ele.

**HELENA**

Por favor, traga ele aqui.

**NANA**

Fazer o quê?

**HELENA**

Imediatamente, Nana.

(*Nana sai pela esquerda. Helena ao telefone*)

Alô. Dr. Gall, por favor. Oh, bom dia, Dr. Sim, é Helena. Obrigada por seu amável presente. O senhor poderia vir me ver de imediato? É importante. Obrigada.

(*entra Radius pela esquerda, olha para Helena, depois levanta a cabeça. ela cruza na direção dele*)

Pobre Radius, foi apanhado também? Agora vão mandar você para o moinho de estampagem. Não conseguiu se controlar? Por que aquilo aconteceu? Veja, Radius, você é mais inteligente do que os outros. O Dr. Gall teve alguma dificuldade para fazer você diferente. Não quer falar?

**RADIUS**

(*olhando para ela*)

Me mande para o moinho de estampagem.

(*abre e fecha os punhos*)

**HELENA**

Mas não quero que matem você. Qual foi o problema, Radius?

**RADIUS**

(*Dois passos na direção dela. Abre e fecha os punhos*)

Não quero trabalhar para você. Me coloque no moinho de estampagem.

**HELENA**

Você nos odeia? Por quê?

**RADIUS**

Você não é tão forte quanto os robôs. Você não é tão habilidosa como os robôs. Os robôs podem fazer todas as coisas. Você só dá ordens. Você não faz nada além de falar.

**HELENA**

Mas alguém tem de dar ordens.

**RADIUS**

Eu não quero um patrão. Eu sei tudo por mim mesmo.

**HELENA**

Radius! O Dr. Gall lhe deu um cérebro melhor que o dos outros, melhor do que os nossos. Você é o único dos robôs que compreende perfeitamente. É por isso que o puseram na biblioteca, de modo que você pudesse ler tudo, compreender tudo, e então oh, Radius – eu quis que você mostrasse para o mundo que os robôs são iguais a nós. Era isso que eu queria de você.

**RADIUS**

Eu não quero um patrão. Eu quero ser um patrão dos outros.

**HELENA**

Tenho certeza que colocaram você como chefe de muitos robôs. Você queria ser um mestre dos robôs.

**RADIUS**

Eu quero ser patrão de gente.  
(*levanta a cabeça. Orgulho.*)

**HELENA**

(*impressionada*) Você tá louco.

**RADIUS**

(*cabeça baixa, atravessa para a esquerda; abre as mãos*)  
Então me manda pro moinho de estampagem.

**HELENA**

(*caminha para ele*)  
Acha que temos medo de você?  
(*correndo para a escrivaninha e escrevendo um bilhete*)

**RADIUS**

*(vira a cabeça desconfortavelmente)*

O que você vai fazer? O que você vai fazer?

*(aproxima-se dela)*

**HELENA**

*(vai para a esquerda dele)*

Radius!

*(ele se encolhe. o corpo balança)*

Entregue este bilhete para o Sr. Domin.

*(ele a encara)*

Estou pedindo que não te enviem para o moinho de estampagem. Sinto muito que você nos odeie assim.

**DR. GALL**

*(entra pela esquerda, vai para o centro fundo)*

Você queria que eu viesse?

**HELENA**

*(volta)*

É sobre o Radius, Doutor. Teve um ataque hoje de manhã. Derrubou as estátuas no andar de baixo.

**DR. GALL**

*(olha para ele)*

Que pena perdê-lo.

*(para o centro)*

**HELENA**

O Radius não precisa ser colocado no moinho de estampagem.

*(fica à direita do Dr. Gall)*

**DR. GALL**

Mas todos os robôs depois que têm um ataque – é uma ordem estrita.

**HELENA**

Não importa – o Radius não vai, se eu puder evitar.

**DR. GALL**

Mas eu te previno. Isso é perigoso. Venha aqui para a janela, minha cara colega. Dê uma olhada. Por favor, me dê uma agulha ou um alfinete.

*(atravessa para cima, Radius segue. Helena pega uma agulha num cestinho de trabalho sobre a mesa da direita)*



**HELENA**

Para que essa agulha?

**DR. GALL**

Um teste.

*(Helena lhe dá a agulha. Gall cruza para o alto na direção de RADIUS, que o encara. Espeta a agulha na mão dele e RADIUS estremece violentamente)*

Calma, calma.

*(abre a jaqueta de RADIUS e aproxima seu ouvido do coração dele)*

RADIUS, você precisa ir ao moinho de estampagem, compreende? Lá vão matar você –

*(tira os óculos e os limpa)*

– e reduzir você a pó.

*(RADIUS abre mãos e dedos)*

Isso é muito doloroso. Vai fazer você gritar muito alto.

*(abre o olho de RADIUS, que estremece)*

**HELENA**

Doutor –

*(em pé perto do sofá)*

**DR. GALL**

Não, não, RADIUS, eu me enganei. Esqueci que Madame Domin intercedeu por você, evocô vai ser poupado. *(ouve o coração)* Ah, isso faz mesmo a diferença.

*(RADIUS relaxa. Novamente ouve o coração dele.)*

Tudo bem agora – já pode ir.

**RADIUS**

Sempre fazendo coisas desnecessárias.

*(sai pela esquerda)*

**DR. GALL**

*(fala com ela – muito preocupado)*

Reação das pupilas, aumento da sensibilidade. Não foi um ataque característico dos robôs.

**HELENA**

Foi o que, então?

*(senta-se no sofá)*

**DR. GALL**

Só o céu sabe. Teimosia, raiva ou revolta – não sei. E tem o coração dele, também.

**HELENA**

O que tem o coração?

**DR. GALL**

Estava vibrando de nervosismo como um coração *humano*. Estava suando muito de medo, e – sabe, não acredito mais que aquele patife seja mesmo um robô.

**HELENA**

Doutor, o Radius tem alma?

**DR. GALL**

*(sobre o sofá)* Tem alguma coisa desagradável nele.

**HELENA**

Se você soubesse como ele nos odeia. Oh, Doutor, todos os nossos robôs são como ele? Todos os novos que você começou a fazer de modo diferente?  
*(ela o convida a se sentar perto dela. ele se senta.)*

**DR. GALL**

Bem, alguns são mais sensíveis que outros. Eles são seres mais humanos do que eram os robôs do Rossum.

**HELENA**

Esse ódio pode ser mais igual ao dos seres humanos?

**DR. GALL**

Também isso foi um progresso.

**HELENA**

O que foi feito da garota que você fez, aquela que era muito parecida conosco?

**DR. GALL**

Sua favorita? Eu a mantive. Ela é adorável, mas bem burrinha. Não serve para trabalhar.

**HELENA**

Mas é tão bonita.

**DR. GALL**

Eu a chamei de “Helena”. Queria que ela se parecesse com você. É um fracasso completo.

**HELENA**

De que modo?

**DR. GALL**

Ela anda como se estivesse num sonho, distante e apática. Não tem vida. Olho para ela e espero um milagre acontecer. Às vezes penso comigo mesmo: “Se despertasse só por um momento, ela me *mataria* por tê-la feito.”

**HELENA**

E, no entanto, você continua fazendo robôs! Por que não estão nascendo mais crianças?

**DR. GALL**

Nós não sabemos.

**HELENA**

Oh, mas devia. Me conte.

**DR. GALL**

Veja só, estão sendo manufaturados tantos robôs, que as pessoas estão se tornando supérfluas. O homem é realmente uma sobrevivência, mas deve morrer, após insignificantes trinta anos de competição, essa é a parte terrível. Quase se pode pensar que a Natureza ficou ofendida com a fabricação de robôs, mas ainda seguimos o manuscrito do velho Rossum.

**HELENA**

Sim. Trancado naquela caixa tão forte.

**DR. GALL**

Continuamos usando o manuscrito e fabricando robôs. Todas as universidades nos estão enviando longas petições para restringirmos nossa produção. Por outro lado, elas dizem que a humanidade se extinguirá com essa falta de fertilidade. Mas os acionistas da R.U.R., naturalmente, não dão ouvidos a isso. Todos os governos, por outro lado, clamam por um aumento da produção para elevar os padrões de seus exércitos. E todas as fábricas do mundo continuam encomendando robôs feito loucos.

**HELENA**

E não existe nenhuma demanda para que a fabricação cesse de uma vez?

**DR. GALL**

Ninguém tem essa coragem.

**HELENA**

Coragem!

**DR. GALL**

As pessoas iriam apedrejá-lo até à morte. Veja, é mais conveniente ter seu trabalho realizado pelos robôs.

**HELENA**

Oh, Doutor, o que vai acontecer com as pessoas?

**DR. GALL**

Só Deus sabe. Madame Helena, para nós, cientistas, parece o fim.

**HELENA**

*(ela olha para a frente; levantando-se)*

Obrigada por vir e me dizer essas coisas.

**DR. GALL**

*(levanta-se)*

Isso significa que está me mandando embora.

**HELENA**

Sim.

*(o dr. Gall sai pela esquerda. Ela cruza para a porta do centro esquerda com repentina resolução)*

Nana! Nana! A lareira, acenda a lareira rapidamente.

*(Helena sai pela direita.)*

**NANA**

*(Entrando pela esquerda)*

O quê, acender a lareira em pleno verão?

**HELENA**

*(do lado de fora)*

Sim!

**NANA**

*(ela procura por Radius)*

Aquele maluco do Radius já foi? – Acender a lareira em pleno verão, que ideia? Ninguém ia pensar que ela se casou já faz dez anos. Parece um nenê, não tem juízo nenhum. Lareira no verão. Um nenê mesmo.

*(acende a lareira)*

**HELENA**

*(volta pela direita com uma braçada de papéis desbotados; de trás do sofá para a lareira, esquerda de Nana)*

Está acendendo, Nana? Tudo isso aqui tem de ser queimado.

**NANA**

O que é essa tranqueirada toda?

**HELENA**

Papeis velhos, terrivelmente velhos.

**NANA**

Não têm mais serventia?

**HELENA**

Não.

**NANA**

Bom, então, fogo neles.

**HELENA**

*(atirando a primeira folha ao fogo)*

O que você diria, Nana, se isso fosse dinheiro, um monte de dinheiro? E se ele fosse numa invenção, a maior invenção do mundo?

**NANA**

*(direita da lareira)*

Eu queimava. Toda essa tranqueirada nova é uma ofensa ao Senhor. Uma maldade absoluta. Querendo melhorar o mundo depois que Ele fez o mundo.

**HELENA**

Veja como as folhas se contorcem. Como se estivessem vivas. Oh, Nana, que horrível!

**NANA**

Deixa comigo, que eu queimo tudo.

**HELENA**

*(recuando)*

Não, não, quero eu mesma fazer. Olhar no olho das chamas. Elas são como mãos, como línguas, como formas vivas.

*(ajuntando fogo com o atiçador)*

**NANA**

Tão no fim já.  
(*o fogo se apaga lentamente*)

**HELENA**

Nana, Nana!  
Bom Deus, o que foi mesmo que você queimou?  
(*quase para si mesma*)

**HELENA**

O que foi que eu fiz?

**NANA**

Bom, o que era aquilo?  
(*risadas de homens fora à esquerda*)

**HELENA**

Vai depressa. Os cavalheiros estão chamando.

**NANA**

Deus do céu, que lugar maluco!  
(*sai pela esquerda*)

**DOMIN**

(*abre a porta da esquerda*)  
Venha e dê seus parabéns.  
(*entram Hallemeier e o Dr. Gall*)

**HALLEMEIER**

(*cruza para centro direita*)  
Madame Helena, eu a cumprimento neste dia tão festivo.

**HELENA**

Obrigada.  
(*indo para o centro*)  
Onde estão o Fabry e o Busman?

**DOMIN**

Eles foram lá para o porto.  
(*fecha a porta e vai para o centro*)

**HALLEMEIER**

Amigos, devemos brindar a esta feliz ocasião.

**HELENA**

*(atravessa pela esquerda)*

Brandy? Com soda?

*(sai pela esquerda)*

**HALLEMEIER**

Vamos ser moderados. Sem soda.

**DOMIN**

Tem alguma coisa queimando aqui? Bem, devo contar a ela sobre isso?

**DR. GALL**

Com certeza. Já está tudo acabado.

**HALLEMEIER**

*(cruza na direção de Domin. Abraçando Domin)*

Já está tudo acabado. Já está tudo acabado.

*(dançam ao redor do Dr. Gall num círculo)*

Já está tudo acabado.

**DOMIN**

*(em uníssono)* Já está tudo acabado.

*(continuam repetindo até Helena entrar)*

**HELENA**

*(entrando pela esquerda com decanter e taças)*

O que é que está acabado? O que há com vocês todos?

*(coloca a bandeja sobre a mesa. o Dr. Gall a ajuda a servir os drinks.)*

**HALLEMEIER**

*(atravessa para trás da mesa)*

Uma vida de boa sorte, Madame Domin!

*(todos ad libitum)*

Há apenas dez anos você chegou a esta ilha.

*(Hallemeier vai para a mesa para beber)*

**DR. GALL**

E agora, dez anos depois, num minuto –

*(atravessa para a esquerda de Hallemeier)*

**HALLEMEIER**

O mesmo navio está voltando para nós. Isso que é sorte.

*(bebe. Domin, com grande exuberância, saiu para o balcão e olha para o porto)*

**DR. GALL**

Madame, à sua saúde.  
(*todos bebem*)

**HALLEMEIER**

Isso é bom e forte.

**HELENA**

De que navio está falando?

**DOMIN**

(*vai para o centro. Helena entrega a ele um drink d vai para a frente do sofá*)  
Qualquer navio serve, desde que chegue a tempo. Para o navio.  
(*enche sua taça*)

**HELENA**

Você estava esperando o navio?  
(*senta-se no sofá*)

**HALLEMEIER**

Como Robinson Crusoe. Madame Helena, muitas felicidades. Venha junto, Domin, com as novidades.  
(*Gall sentou-se à esquerda da mesa, bebendo. Hallemeier atrás da mesa*)

**HELENA**

Me diga o que aconteceu?

**DOMIN**

Primeiro, está tudo acabado.  
(*põe o copo de brandy na mesa. Hallemeier senta-se na mesa, lado mais alto*)

**HELENA**

E agora?

**DOMIN**

A revolta.

**HELENA**

Que revolta?

**DOMIN**

Me dê aquele documento, Hallemeier.  
(*Hallemeier lhe entrega um papel. Domin lê*)



“A primeira Organização Nacional de Robôs foi fundada no Havre e emitiu um apelo aos robôs em todo o mundo.”

**HELENA**

Eu li isso.

**DOMIN**

Isso significa uma revolução. Uma revolução de todos os robôs do mundo.

**HALLEMEIER**

Por Jeová, eu gostaria de saber –

**DOMIN**

*(centro)*

Quem começou isso? Também quero saber. Não havia ninguém no mundo que pudesse afetar os robôs, nenhum agitador, nenhum, e de repente isso acontece, ora faça um favor.

**HELENA**

O que eles fizeram?

**DOMIN**

Tomaram posse de todas as armas de fogo, telégrafos, estações de rádio, ferrovias e navios.

**HALLEMEIER**

E não esqueça que esses patifes nos superavam em número por pelo menos mil para um. Uma centésima parte deles seria suficiente para nos derrubar.

**DOMIN**

Lembre-se que essa notícia foi trazida pelo último vapor. Isso explica a interrupção de toda comunicação e a chegada de mais nenhum navio. Nós interrompemos o trabalho há alguns dias e estamos apenas esperando para ver quando as coisas devem ser recomeçadas.

**HELENA**

Foi por isso que me deu um navio de guerra?

*(Gall enche a taça de Domin)*

**DOMIN**

Oh, não, meu bem. Eu o encomendei há seis meses. Justamente para me assegurar que estava do lado seguro. Mas, pela minha alma, eu estava seguro então de que hoje estaríamos a bordo.

**HELENA**

Por que seis meses atrás?

**DOMIN**

Bem, havia sinais, sabe. Mas não houve consequências.

*(pega a taça)*

Pensar que nesta semana toda a civilização esteve em jogo. À sua saúde, meus amigos.

**HALLEMEIER**

À sua saúde, Madame Helena,

*(todos bebem por Helena)*

**HELENA**

Você está dizendo que está tudo acabado.

**DOMIN**

Absolutamente.

**HELENA**

Como você sabe?

**DR. GALL**

O navio está chegando. O navio-correio regular, no minuto exato do horário programado. Vai atracar pontualmente às onze e trinta.

**DOMIN**

A pontualidade é marca de caráter, meus amigos. É o que mantém o mundo em ordem. Um brinde à pontualidade.

*(Os homens brindam)*

**HELENA**

Então – tudo – está bem?

**DOMIN**

*(um passo para o centro)*

Praticamente tudo. Eu acredito que cortaram os cabos e tomaram a estação de rádio. Mas não importa se só o calendário funciona direito.

*(sobe para a janela)*

**HALLEMEIER**

*(levanta-se)*

Se o calendário funciona bem, as leis humanas funcionam bem. As leis divinas

funcionam bem, as leis do universo funcionam bem, funciona tudo bem que devia funcionar bem.

*(Gall aplaude)*

O calendário significa mais que o evangelho, mais do que Homero. mais do que todo o Kant. Madame Helena, o calendário é o produto mais perfeito da mente humana. Madame Helena, vou encher minha taça.

*(Gall entrega o decanter para Hallemeier)*

**HELENA**

Por que você não me falou nada sobre isso?

**DR. GALL**

Deus me livre.

**DOMIN**

Você não tinha que se preocupar com essas coisas.

*(coloca a taça sobre a mesa, vai para trás do sofá)*

**HELENA**

Mas se a revolução tivesse chegado até aqui?

**DOMIN**

Você não saberia nada sobre ela.

**HELENA**

Por quê?

**DOMIN**

Por que estaríamos a bordo do seu *Ultimus* e a salvo no mar. Em um mês, Helena, estaríamos ditando nossos próprios termos aos robôs.

**HELENA**

Não estou entendendo.

**DOMIN**

*(Vai para o centro perto de Gall e Hallemeier)*

Teríamos levado conosco alguma coisa sem a qual os robôs não existiriam!

**HELENA**

O que, Harry?

**DOMIN**

*(vira-se para Hallemeier)*

O segredo da fabricação deles. O manuscrito do velho Rossum. Assim que descobrissem que não conseguiam se *controlar*, ficariam de joelhos diante de nós.

**DR. GALL**

*(levanta-se)*

Madame Domin, esse foi nosso trunfo. Nunca tive o mínimo temor de que os robôs pudessem vencer. Como eles poderiam contra pessoas como nós?

*(sobe para a janela. Gall se levanta e chega no balcão.)*

**HELENA**

Por que você não me contou?

*(ela corre para a lareira e vê a cinzas)*

**DR. GALL**

Por que, o navio está aí!

**HALLEMEIER**

Onze e meia em ponto.

*(levantando-se e indo para o balcão)*

O bom e velho Amelia que nos trouxe Madame Helena.

*(Domin sai para o balcão)*

**DR. GALL**

Apenas dez anos atrás, exatamente.

**HALLEMEIER**

Estão desembarcando as malas postais.

**DOMIN**

O Busman está esperando por elas. E o Fabry vai trazer para nós as primeiras notícias. Sabe, Helena, estou tremendamente ansioso para ver como estão

*(vai para o centro. Ela se afasta da lareira para perto do sofá)*

tratando esse negócio na Europa.

**HALLEMEIER**

*(vai para a mesa)*

E pensar que não estamos nisso, nós que inventamos os robôs!

*(volta para a cadeira de braço)*

**HELENA**

Harry –

*(indo da lareira para Domin)*

**DOMIN**

O que foi?

**HELENA**

Vamos sair daqui.

**DOMIN**

Agora, Helena? oh, vem, vem.

**HELENA**

O mais depressa possível, todos nós!

**DOMIN**

Por quê?

**HELENA**

Por favor, Harry. Por favor, Doutor Gall. Hallemeier, por favor fechem a fábrica.

**DOMIN**

Por quê, nenhum de nós pode sair daqui agora.

**HELENA**

Por quê?

**DOMIN**

Porque estamos quase expandindo a fabricação dos robôs.

**HELENA**

O quê, agora, agora, depois dessa revolta?

**DOMIN**

Sim, exatamente, depois da revolta. Estamos justamente iniciando a fabricação de uma nova espécie.

**HELENA**

Que espécie?

**DOMIN**

Daqui para a frente não teremos apenas uma fábrica. Não mais existirá a Robôs Universais. Vamos estabelecer uma fábrica em cada país, em cada estado ou província, e sabe o que essas novas fábricas vão fazer?

**HELENA**

Não, o quê?

**DOMIN**

Robôs *Nacionais*.

**HELENA**

O que quer dizer?

**DOMIN**

Quero dizer que cada uma dessas fábricas produzirá robôs de cor diferente, de língua diferente. Uma será completamente estranha à outra. (*vira-se; para Hallemeier e Gall*) Nunca serão capazes de entender e compreender uma à outra. Então vamos incitá-las um pouco sobre a questão do mal-entendido e o resultado será tal que pelos tempos futuros cada robô vai odiar todo robô de marca de uma fábrica diferente. Assim a *humanidade* estará segura.

**HALLEMEIER**

(*para cada um deles*)

Por Jeová, vamos fazer robôs negros, e robôs suecos e robôs tcheco-eslovacos, e depois –

**HELENA**

Harry, isso é terrível.

**HALLEMEIER**

Madame Domin. vão haver centenas de fábricas. A Robôs Nacionais.  
(*Gall vai para trás da mesa centro esquerda*)

**DOMIN**

Helena, a humanidade só pode manter as coisas funcionando lá fora por outros cem anos. Durante cem anos o homem *deverá* poder desenvolver-se o máximo que puder.

**HELENA**

Oh, feche a fábrica antes que seja tarde demais.

**DOMIN**

Estou lhe dizendo que só estamos começando numa escala maior do que nunca.  
(*entra Fabry pela esquerda; vai para a esquerda de Domin*)

**DR. GALL**

E então, Fabry?

**DOMIN**

O que aconteceu? Já desceu até o navio?

**DR. GALL**

Vamos ouvir.

**FABRY**

Leia isso, Domin.

*(entrega-lhe um folheto rosa. Domin recebe o folheto e percebe de imediato que alguma coisa aconteceu.)*

**DOMIN**

O que foi que aconteceu, Fabry?

**HALLEMEIER**

Conte logo o que aconteceu.

**FABRY**

*(falsamente)*

Bom, está tudo direito – relativamente.

*(para os outros homens)*

No geral, tanto quanto esperávamos.

**DR. GALL**

Eles se comportaram esplendidamente.

**FABRY**

Quem?

**DR. GALL**

O povo.

**FABRY**

Oh, as pessoas, sim, naturalmente. Isto é – me desculpe – tem alguma coisa que devemos discutir sozinhos.

**HELENA**

*(toca o braço dele)*

Fabry, você recebeu notícias ruins?

**FABRY**

Não, não, ao contrário. Só acho que é melhor ir para o escritório.

**HELENA**

Fiquem aqui, eu saio.

*(sai)*

**DR. GALL**

O que aconteceu?

**DOMIN**

Maldição!

*(descendo para centro esquerda)*

**FABRY**

Lembre-se que o *Amélia* trouxe fardos inteiros desses folhetos. Nenhuma outra carga.

*(Gall fecha a porta)*

**HALLEMEIER**

O quê? Mas ele chegou no horário.

**FABRY**

Os robôs são sempre pontuais.

Leia o folheto, Domin.

**DOMIN**

*(centro direita; lê o folheto)*

“Robôs de todo o mundo. Nós, a primeira organização Internacional da Robôs Universais Rossum, proclamamos o homem nosso inimigo e um fora-da-lei no universo.” Deus do céu, quem *ensinou* a eles essas frases?

**DR. GALL**

Continue.

**DOMIN**

Eles dizem que são mais altamente desenvolvidos que o homem; mais fortes e mais inteligentes. O homem é parasita deles. Isso é o maior absurdo.

**FABRY**

Leia o terceiro parágrafo.

**DOMIN**

“Robôs de todo o mundo, ordenamos que vocês matem toda a humanidade. Não



poupem nenhum homem. Não poupem nenhuma mulher. Preservem as fábricas, as ferrovias, as máquinas, as minas e as matérias-primas. Destruam todo o resto. Depois voltem ao trabalho. O trabalho não deve ser interrompido.”  
(*olha para os outros*)

**DR. GALL**

Isso é horrível.

**HALLEMEIER**

É o diabo!

**DOMIN**

Continuando: “Essas ordens devem ser cumpridas tão logo sejam recebidas.”  
Depois vêm as instruções detalhadas. Isso está sendo mesmo *executado*, Fabry?

**FABRY**

Evidentemente. (*Busman desliza para a esquerda e desaba no sofá*)  
Por Jeová, vai acabar vencendo a maratona!

**BUSMAN**

E então, rapazes, suponho que estejam radiantes com as belas notícias.

**DOMIN**

Rápido, a bordo do *Ultimus*.

**BUSMAN**

Espere, Harry, espere. Pra quê essa pressa?

**DOMIN**

E ficar esperando por quê?

**BUSMAN**

Porque não vai fazer nem fi nem fó, meu garoto. Os robôs já estão a bordo do *Ultimus*.

**DR. GALL**

Além de ser muito feio.

**DOMIN**

Fabry, telefone para a companhia de eletricidade. (*Fabry vai para trás do sofá*)

**BUSMAN**

Não vai adiantar, garoto. Eles já carregaram todo o ar com estática.

**DOMIN**

*(inspecionando seu revólver)*

Bom, eu vou então. *(começa a sair)*

**BUSMAN**

Vai pra onde?

**DOMIN**

Para a companhia de eletricidade. Ainda tem algumas pessoas lá. Vou trazer todas para cá. *(chega até à porta)*

**BUSMAN**

Melhor nem tentar.

**DOMIN**

Por quê

**BUSMAN**

Porque tenho muito medo que estejamos cercados.  
*(todos correm para o balcão)*

**DR. GALL**

Cercados?

*(corre para a janela)*

Prefiro pensar que você está certo.

*(corre para o balcão)*

**HALLEMEIER**

Por Jeová, isso que é um trabalho rápido.

*(indo para as janelas)*

**HELENA**

*(corre para dentro para esquerda)*

Harry, o que é isso?

*(estende-lhe um papel)*

**DOMIN**

Onde conseguiu isso?

*(indo para o centro)*

**HELENA**

*(aponta para o manifesto dos robôs que tem na mão)*

Com os robôs, na cozinha!

**DOMIN**

Onde está quem trouxe isso?

**HELENA**

Por aí, espalhados ao redor da casa.

*(Gall, Hallemeier, Domin descem para o centro; o apito da fábrica soa; começa um barulho de vozes)*

**DOMIN**

A sirene da fábrica!

*(Fabry, Gall, Hallemeier olham procurando; viram para a direita)*

**BUSMAN**

É meio-dia?

**DOMIN**

*(olhando pro seu relógio; para Hallemeier)*

Não! Não é meio-dia ainda. Isso deve ser – deve ser a – deve ser o -

**HELENA**

O quê?

**DOMIN**

O sinal dos robôs – o ataque!

*(Helena se agarra a Domin. Fabry e Gall fecham as venezianas de aço da janela. Busman corre para a janela e olha através das venezianas. A cortina cai rapidamente com Helena nos braços de Domin. A sirene soa até a cortina ter-se fechadopor completo.)*

## Terceiro ato

*(Sala de estar de Helena como antes. O cômodo está escuro e cinzento. As persianas de aço estão fechadas como no final do ato II. Alquist está sentado na cadeira no extremo do palco baixo. Domin entra na sala. Vozes suaves. O Dr. Gall está olhando para fora da janela no centro. Está sentado numa cadeira.)*

**DOMIN**

*(pega os binóculos, vai para a janela; para Gall)*  
Mais deles?

**DR. GALL**

Estão formando uma barricada, além da cerca do jardim. Por que estão tão quietos? É monstruoso ser assim sitiado em silêncio.

**DOMIN**

*(olhando pela janela através das persianas)*  
Gostaria de saber pelo que estão esperando. Devem começar a qualquer minuto. Se se apoiarem nas grades, vai cair tudo como uma cerquinha de fósforos.

**DR. GALL**

Eles não estão armados.

**DOMIN**

*(intrigado)*  
Não conseguiremos aguentar nem por cinco minutos. Como homens vivos, eles nos oprimem como uma avalanche. Por que eles não se apressam, eu pergunto?  
*(vira-se para Gall)*

**DR. GALL**

E então?

**DOMIN**

Eu gostaria de saber o que vai ser de nós nos próximos dez minutos. Eles nos colocaram num torno. Estamos fudidos, Gall.

**DR. GALL**

Sabe, cometemos um erro muito sério.

**DOMIN**

Qual?

**DR. GALL**

Fizemos as caras dos robôs muito parecidas. Cem mil caras todas parecidas, todas voltadas para este lado. Cem mil bolhas sem qualquer expressão. É como um pesadelo.

**DOMIN**

Você acha que se tivessem sido diferentes –

**DR. GALL**

Não teria sido essa visão tão horrível!

**DOMIN**

*(olha pelos binóculos na direção do porto)*

Eu gostaria de saber o que ainda estão descarregando do Amélia.

**DR. GALL**

Não são armas de fogo.

**FABRY**

*(entra pela esquerda com uma caixa de tomadas à qual está conectado um cabo ou fio longo. Hallemeier o segue. Fabry prende o cabo a uma instalação elétrica que está no chão perto da parede, no palco baixo na entrada da esquerda.)*

Tudo certo, Hallemeier, põe no chão esse fio.

**HALLEMEIER**

*(dentro do cômodo)*

Foi um serviço pequeno. O que há de novo?

*(vendo Domin e Gall na janela)*

**DR. GALL**

Estamos completamente cercados.

**HALLEMEIER**

*(vai para a janela)*

Fizemos barricadas nos corredores e nas escadas.

*(vai para a janela)*

Meu Deus, enxames deles. Não gosto das caras deles. Tem uma sensação de morte sobre eles todos. Tem água aqui?

**FABRY**

Preparar!

**DR. GALL**

*(virando-se na cadeira)*

Para que aquele fio, Fabry?

**FABRY**

A instalação elétrica. Agora podemos passar a corrente ao longo de toda a grade do jardim. *(até a janela)*

Quando quisermos. Se alguém tocar, vai ficar sabendo. De qualquer maneira, ainda temos algumas pessoas lá.

**DR. GALL**

Onde?

**FABRY**

Na central elétrica. Pelo menos eu espero que sim.

*(Vai até o abajur da mesa à esquerda. e acende o abajur)*

Ah, eles estão lá e estão trabalhando. Enquanto aquilo queimar, vamos estar bem. *(para a janela.)*

**HALLEMEIER**

As barricadas estão em ordem também, Fabry.

**FABRY**

Suas barricadas! Posso liberar duzentos volts naquele gradil?

**HELENA**

*(tocando a Elegia de Rachmaninoff fora)*

**DOMIN**

Onde está o Busman?

*(Domin deixou a janela esquerda e está atravessando o palco para o proscênio)*

**FABRY**

Lá embaixo, no escritório. Está trabalhando em alguns cálculos.

**DOMIN**

Já chamei ele. Nós precisamos conversar.

*(vai para a esquerda)*

**ALQUIST**

Graças a Deus, Madame Helena ainda pode tocar.

*(Hallemeier vai para a porta da esquerda, entreabre-a e ouve a música; Busman entra pela esquerda.)*

**FABRY**

Olha lá, Bus – olha para os fios.

**DR. GALL**

O que é isso que você está carregando?

**BUSMAN**

*(pousando os livros sobre a mesa)*

O livro-razão, meu garoto. Eu gostaria de terminar as contas antes de – antes –  
*(Domin vai até a janela)*

Bom, desta vez não vou esperar até o Ano Novo para fazer um balanço. O que  
é que há? *(vai para a janela)*

Tudo absolutamente quieto.

**DR. GALL**

Não está vendo nada?

**BUSMAN**

Nada, só azul – azul por toda parte.

**DR. GALL**

São os robôs.

**DOMIN**

Os robôs estão descarregando armas de fogo do *Amélia*.

**BUSMAN**

Bom, e daí? Como posso fazer eles pararem?

*(volta para a mesa da esquerda, senta-se e abre o livro-razão.)*

**DOMIN**

Não podemos fazer eles pararem.

**BUSMAN**

Então me deixem continuar com minhas contas,

*(volta ao seu trabalho)*

**DOMIN**

*(pega o telescópio)*

Meu Deus! O *Ultimus* apontou seus canhões para nós.

**DR. GALL**

Quem fez isso?

**DOMIN**

Os robôs que estão a bordo.

**FABRY**

Então claro –

*(pausa)*

Então – então é o nosso fim.

*(para o canto da escrivainha)*

**DR. GALL**

Você quer dizer?

**FABRY**

Os robôs são atiradores experientes.

**DOMIN**

Sim. Não dá mais para evitar.

*(pausa)*

**DR. GALL**

*(gesticulando; pausa)*

Foi um crime da velha Europa ensinar os robôs a lutar. Eles que se danem. Não poderiam nos ter dado um descanso com sua política? Foi um crime transformar os robôs em soldados.

**ALQUIST**

Fazer robôs é que foi um crime.

**DOMIN**

*(em silêncio desce para o centro.)*

Não, Alquist. eu não me arrependo disso até hoje.

**ALQUIST**

Não até hoje?

**DOMIN**

*(sonhadoramente)*

Nem mesmo hoje, o último dia da civilização. Foi um empreendimento colossal.

**BUSMAN**

*(sotto voce)*

Trezentos e sessenta milhões.



**DOMIN**

*(da janela)*

Alquist, essa é a nossa última hora. Já estamos falando meio no outro mundo. Isso não foi um sonho maligno para destruir a servidão do trabalho. O trabalho terrível e humilhante que o homem teve que suportar. A obra era muito difícil. A *vida* era muito difícil. E para superar isso—

**ALQUIST**

Não foi isso que os dois Rossum sonharam. O velho Rossum só pensava em seus truques ímpios, e o jovem em seus bilhões. E também não é com isso que os acionistas da R.U.R. sonham. Eles sonham com dividendos, e os seus dividendos são a ruína da humanidade.

**DOMIN**

Para o inferno com os dividendos.

*(Atravessando direita em frente ao sofá)*

Você acha que eu teria dado uma hora de trabalho para eles? Foi para mim mesmo que trabalhei, para minha própria satisfação. Eu queria que o homem se tornasse o patrão. Para que ele não vivesse apenas pela casca do pão. Eu não queria que uma única alma fosse quebrada pelas máquinas de outras pessoas. Eu não queria que nada, nada, nada que restasse dessa terrível estrutura social. Estou revoltado com a pobreza. Eu queria uma nova geração. Eu queria – eu pensei –

**ALQUIST**

E então?

**DOMIN**

*(do sofá)*

Eu queria transformar toda a humanidade numa aristocracia do mundo. Uma aristocracia alimentada por milhões de escravos mecânicos. Irrestrito, livre e consumado no homem. E talvez mais do que o homem.

**ALQUIST**

Super-homem?

**DOMIN**

Sim. Oh, só para ter cem anos de idade. Outros cem anos para o futuro da humanidade.

**BUSMAN**

*(sotto voce)*

Seguir em frente – quatrocentos e vinte milhões.

*(Domin se senta no sofá)*

**HALLEMEIER**

*(pausa – atrás do sofá)*

Que coisa fina que é a música. Devíamos ter feito isso antes.

**FABRY**

Feito o quê?

**HALLEMEIER**

Beleza, coisas lindas. Que montão de coisas lindas existem. O mundo era maravilhoso, e nós – nós aqui – me diga, que prazer tivemos?

**BUSMAN**

*(sotto voce)*

Quinhentos e vinte milhões.

**HALLEMEIER**

A vida era uma coisa boa, a vida era –  
*(olhando pela janela. Diretamente para Fabry)*  
Fabry, conecte a corrente naquele gradil.

**FABRY**

Por quê?

*(corre para a instalação elétrica na esquerda)*

**HALLEMEIER**

Eles estão se agarrando nela.  
*(Domin se levanta – se endireita. Todos se levantam)*

**DR. GALL**

Conecte.

**HALLEMEIER**

Ótimo, um bom choque neles. Dois, três, quatro mortos.

**DR. GALL**

Estão se retirando. *(Domin se senta)*

**HALLEMEIER**

Cinco mortos.

**DR. GALL**

*(pausa.)*

O primeiro embate.

**HALLEMEIER**

Eles foram reduzidos a cinzas, meu garoto. Quem disse que devemos desistir?  
(*a música para*)

**DOMIN**

(*Alquist e Gall se sentam. Enxugando a testa.*)

Talvez tenhamos sido mortos há cem anos e sejamos apenas fantasmas. É como se eu já tivesse passado por tudo isso, como se já tivesse tido um ferimento mortal aqui na garganta.

(*olhando para cada um enquanto fala*)

E você, Fabry, uma vez levou um tiro na cabeça. E você, Gall, membro por membro dilacerado. E Hallemeier esfaqueado.

**HALLEMEIER**

Me imagine sendo esfaqueado.

(*olha para cada um. Depois fala*)

Por que vocês estão tão quietos, seus idiotas?

(*desce*) Falem, não podem?

**ALQUIST**

E quem é o culpado por tudo isso?

**HALLEMEIER**

Ninguém pode ser culpado exceto os robôs.

**ALQUIST**

Não, a culpa é nossa. Você, Domin, eu - todos nós. Para os nossos próprios fins egoístas, para o lucro, para o progresso, nós destruimos a humanidade. Agora vamos *explodir* com toda a nossa grandeza.

**HALLEMEIER**

Não fala merda, cara. A humanidade não pode ser exterminada tão facilmente.

**ALQUIST**

É nossa culpa. É nossa culpa.

(*levanta-se, indo para a direita de Gall*)

**DR. GALL**

Não! Eu sou o culpado por isso, por tudo o que aconteceu.

(*ele sai da janela e desce até a ponta do sofá.*)

**FABRY**

Você, Gall?

**DR. GALL**

Eu alterei os robôs.

**BUSMAN**

Você o quê?

**DR. GALL**

Eu mudei o caráter dos robôs. Mudei a forma de fazer eles. Só alguns detalhes de seus corpos. Principalmente – principalmente, a sua – a sua irritabilidade.

**HALLEMEIER**

Merda, por quê?

**BUSMAN**

Por que nunca disse nada?

**DR. GALL**

Eu fiz tudo em segredo. Estava transformando os robôs em seres humanos. Em certos aspectos eles já estavam acima de nós. Eles são mais fortes do que nós.

**FABRY**

E o que isso tem a ver com essa revolta dos robôs?

**DR. GALL**

Tudo, em minha opinião. Eles deixaram de ser máquinas. Já estavam conscientes de sua superioridade, e nos odeiam como odeiam tudo o que é humano.

**DOMIN**

Talvez não sejamos mais do que fantasmas.

**FABRY**

Pare, Harry. Não temos muito tempo, Doutor Gall.

**DOMIN**

Fabry, Fabry, como sua testa sangra onde o tiro a furou!

**FABRY**

*(vai até Gall)*

Cale a boca! Doutor Gall, você admite ter alterado o modo de produção dos robôs.

**DR. GALL**

Sim.

**FABRY**

Você tinha consciência de quais poderiam ser as consequências do seu experimento?

**DR. GALL**

Eu era obrigado a contar com essa possibilidade.

**FABRY**

*(divertido)*

E o que foi que você fez, então?

*(Helena entra pela esquerda)*

**DR. GALL**

Para minha própria satisfação. O experimento foi meu.

**HELENA**

Isso não é verdade, Doutor Gall.

*(vai para o sofá)*

**DOMIN**

*(levanta-se)*

Helena, você?

*(avança para ela)*

Me deixe olhar para você. Oh, como é terrível morrer.

*(ele se move e a pega em seus braços.)*

**HELENA**

Pare com isso, Harry.

**DOMIN**

Não, não, Helena, não me deixe agora. Você é a própria vida.

**HELENA**

Não, meu bem, não vou te deixar. Mas preciso contar para eles. O Doutor Gall não é culpado.

**FABRY**

Me desculpe. O Gall tinha certas obrigações.

**HELENA**

Não. Ele fez aquilo porque eu quis. Conte a eles, Doutor Gall – há quanto anos atrás eu lhe pedi que fizesse aquilo?

**DR. GALL**

Eu fiz sob minha total responsabilidade.

**HELENA**

Não acreditem nele. Eu lhe pedi para dar uma alma aos robôs.

**DOMIN**

Isso não tem nada a ver com a alma.

**HELENA**

Isso é o que ele dizia. Dizia que só poderia mudar um fisiológico – um fisiológico –

**HALLEMEIER**

*(da janela)*

Um fisiológico correlato?

**HELENA**

Sim. Mas já significava muito para mim que ele fizesse aquilo.

**DOMIN**

Por quê?

**HELENA**

Eu achei que se eles fossem mais parecidos conosco, nos entenderiam melhor. Que eles não poderiam nos odiar se fossem um pouco mais humanos

**DOMIN**

Ninguém pode odiar o homem mais do que o homem.

**HELENA**

Ah, não fale assim, Harry. Foi tão terrível aquele cruel estranhamento entre nós e eles. É por isso que pedi a Gall para *mudar* os Robôs. Juro para você que ele não queria.

**DOMIN**

Mas ele fez.

**HELENA**

Porque eu pedi

**DR. GALL**

Eu fiz para mim mesmo como um experimento.

*(vai para a janela)*

**HELENA**

Não, Doutor Gall! Eu sei que você não podia se recusar.

**DOMIN**

Por quê?

**HELENA**

Você sabe, Harry.

**DOMIN**

Sim, porque ele está apaixonado por você – como todos eles.

*(Fabry vai para a janela. Pausa. Domin toma -a nos braços)*

**HALLEMEIER**

Meu bom Deus, eles estão brotando da terra. Logo talvez até aquelas paredes vão se transformar em robôs.

**BUSMAN**

*(levanta-se; vai na direção de Gall)*

Gall, quando foi que você começou realmente com esses seus truques?

**DR. GALL**

Três anos atrás.

**BUSMAN**

Aha. E em quantos robôs você *implementou* suas melhorias?

*(andando de um lado para o outro)*

**DR. GALL**

Algumas centenas deles.

**BUSMAN**

Ah!

Isso significa que para cada milhão dos bons e velhos robôs há apenas um no padrão melhorado de Gall.

*(de volta para mesa centro esquerda)*

**DOMIN**

E daí?

*(atravessando pela esquerda, fica ali no palco na porta)*

**BUSMAN**

E isso não teve nenhuma consequência.

**FABRY**

O Busman está certo.

*(Helena se senta na cadeira de braço à direita da mesa à esquerda)*

**BUSMAN**

Eu deveria pensar assim, meu rapaz; mas você sabe de quem é a culpa dessa bela bagunça?

**FABRY**

O quê?

**BUSMAN**

O número!

*(cruza para a esquerda da mesa da esquerda)*

Na minha alma, deveríamos saber que um dia ou outro os Robôs seriam mais fortes que os seres humanos, e que isso estava fadado a acontecer. E estávamos fazendo tudo o que podíamos para que isso acontecesse o mais rápido possível. Você, Domin, você, Fabry, eu...

**DOMIN**

Você está nos acusando?

*(virando-se contra ele)*

**BUSMAN**

Ah, você acha que a administração controla a produção? É a demanda que controla a produção

**HELENA**

E é por isso que devemos perecer?

**BUSMAN**

Essa é uma palavra desagradável, nojenta mesmo. Não queremos perecer. Não eu, pelo menos.

*(senta-se à esquerda da mesa)*

**DOMIN**

Não? O que quer fazer?

**BUSMAN**

Quero ficar fora dessa, só isso.

**DOMIN**

Oh, para com isso, Busman.



**BUSMAN**

É sério, Harry. Acho que devemos tentar.

**DOMIN**

De que jeito?

*(para a frente de novo)*

**BUSMAN**

Por meios justos. Eu faço tudo de maneira justa. Me dê liberdade e negociarei com os robôs.

**DOMIN**

Com meios justos?

**BUSMAN**

*(levanta-se)*

Naturalmente. Por exemplo, vou dizer a eles: “Dignos e Adoráveis robôs, vocês têm tudo. Vocês têm intelecto, vocês têm poder, vocês têm armas de fogo. Mas temos apenas uma mesa interessante, um pedaço de papel amarelo velho e sujo...”

**DOMIN**

O manuscrito do Rossum?

*(interesse de todos. Gall está no centro, perto do sofá.*

*Hallemeier está perto da janela)*

**BUSMAN**

Sim. “E isso”, vou dizer a eles, “contém um relato de sua origem ilustre, do nobre processo de sua fabricação e assim por diante. Dignos robôs, sem esse rabisco naquele papel vocês não serão capazes de produzir um único novo colega. Dentro de mais vinte anos não haverá nenhum espécime vivo de um robô que se possa exibir num zoológico. Meus estimados amigos, isso seria um grande *golpe* para vocês, *mas* se vocês permitirem que nós, seres humanos da Ilha de Rossum, embarquemos naquele navio, nós em troca *entregaremos* para vocês a fábrica e o segredo do processo. *Você nos* permite fugir e *nós* permitiremos que *vocês mesmos fabriquem*. Isso, dignos robôs, é um acordo justo. Algo por alguma coisa”. Isso é o que eu diria a eles, meus meninos.

*(senta-se)*

**DOMIN**

*(vai para o centro)*

Busman, você acha que nós venderíamos o manuscrito?

**BUSMAN**

Sim, eu acho. Se não for de uma maneira amistosa, então – ou nós vendemos ou eles o encontram. Como você preferir.

**DOMIN**

Busman, nós podemos *destruir* o manuscrito do Rossum.

**BUSMAN**

Então vamos destruir tudo – não só o manuscrito mas a nós mesmos. Assim como você achar adequado.

**DOMIN**

Existem cerca de trinta de nós nesta ilha. Devemos vender o segredo? E salvar essas tantas almas do risco de escravizar a humanidade –

**BUSMAN**

Ora, você ficou louco. Quem venderia *todo* o manuscrito.

**DOMIN**

Busman, não trapaceie!

**BUSMAN**

Então, tá, venda, mas depois –

**DOMIN**

Está bem?

**BUSMAN**

Suponhamos que isso aconteça. Quando estivermos a bordo do *Ultimus*, vou tapar meus ouvidos com algodão, me deitar em algum lugar do porão, e você vai apontar as armas para a fábrica e explodir tudo em pedacinhos, e *com* ela o segredo do Rossum.

**FABRY**

(*levanta-se*) Não!

**DOMIN**

Busman, você não está sendo cavalheiro. Se o vendermos a eles, será uma venda direta.

**BUSMAN**

(*levanta-se*)

É do interesse da humanidade–

**DOMIN**

É do interesse da humanidade mantermos nossa palavra -

**HALLEMEIER**

Ora, vamos, que idiotice!

**DOMIN**

Esta é uma decisão terrível. Estamos vendendo o destino da humanidade. Devemos vender ou destruir? Fabry?

**FABRY**

Vender.

**DOMIN**

Gall?

**DR. GALL**

Vender.

**DOMIN**

Hallemeier?

**HALLEMEIER**

Vender, naturalmente.

**DOMIN**

Alquist?

**ALQUIST**

Seja o que Deus quiser.

**DOMIN**

*(começa a ir para a direita)* Muito bem, cavalheiros.

**HELENA**

Harry, você não perguntou para mim.

**DOMIN**

*(para; para ela)*

Não, filha.

*(para a direita)*

Não se preocupe com isso.

*(dá um tapinha no ombro dela)*

**FABRY**

Quem vai fazer a negociação?

**BUSMAN**

Eu vou.

*(vai para a janela)*

**DOMIN**

Espere até eu trazer o manuscrito.

*(sai pela direita)*

**HELENA**

*(levanta-se)*

Harry, não vá!

*(Helena se senta. Todos olham para ela. Pausa.)*

**FABRY**

*(olhando pela janela)*

Ah, escapar de você! você – deseja essa - revolta; ah, preservar a vida humana, mesmo que só reste um único navio -

**DR. GALL**

Não tenha medo.

*(indo para trás do sofá)*

Madame Helena, vamos navegar para longe daqui; vamos começar vida nova.

**HELENA**

Oh, Gall, não fale nada.

**FABRY**

*(vai para a esquerda de Gall)*

Não é tarde demais.

*(indo para a esquerda da cadeira dela)*

Vai ser como um pequeno Estado num navio. O Alquist vai construir uma casa para nós e você vai presidir sobre todos nós.

**HALLEMEIER**

*(vai para a esquerda de Fabry)*

Madame Helena, o Fabry está certo!

**HELENA**

*(sem controle)*

Oh, pare! pare!

**BUSMAN**

Meu Deus!

*(vai para a esquerda da mesa da esquerda)*

Não me importo de começar tudo de novo. Isso me convém perfeitamente.

*(indo através dos jornais sobre a mesa)*

**FABRY**

E este nosso pequeno Estado poderá ser o centro da vida futura. Um lugar de refúgio onde poderíamos reunir forças. Ora, em algumas centenas de anos poderíamos conquistar o mundo novamente.

**ALQUIST**

Você acredita nisso até hoje?

**FABRY**

Sim!

**BUSMAN**

Amém. Veja, Madame Helena, não estamos tão mal.

**DOMIN**

*(irrompendo para a esquerda do sofá; roucamente)*

Cadê o manuscrito do velho Rossum?

**BUSMAN**

No teu cofre-forte, é óbvio.

**DOMIN**

Alguém – roubou – ele!

**DR. GALL**

Impossível.

**DOMIN**

Quem roubou ele?

**HELENA**

*(levantando-se)*

Eu.

*(reações de Fabry e Hallemeier.)*

**DOMIN**

Onde você colocou o manuscrito?

**HELENA**

Harry, vou lhe contar tudo. Mas me perdoe.

**DOMIN**

Onde você colocou o manuscrito?

**HELENA**

*(apontando para a lareira)*

Hoje de manhã – eu queimei – as duas cópias.

**DOMIN**

Que-queimou – na lareira?

*(vai para a lareira, seguido por Fabry, Hallemeier e Busman)*

**HELENA**

*(caindo de joelhos; ao lado do sofá, de frente para o palco)*

Pelo amor de Deus, Harry.

**DOMIN**

*(indo para a lareira)*

Nada – nada. Tudo cinzas. Espere, o que é aquilo ali?

*(Pega um pedaço chamuscado de papel e lê – “Acrescentando”. Fabry e Gall e Hallemeier vão na direção dele)*

**DR. GALL**

Me deixa ver isso. “Acrescentando biogênio a” – é só.

**DOMIN**

Isso faz parte do –

**DR. GALL**

*(pegando o papel e deixando-o cair)*

Sim.

*(Gall vai para o centro esquerda. Hallemeier para a direita da mesa, Fabry para a janela; Busman para a esquerda da mesa)*

**BUSMAN**

Deus do céu!

*(senta-se esquerda da mesa)*

**DOMIN**

Então terminamos. Levante-se, Helena.

**HELENA**

Então, estão me perdoando?

**DOMIN**

Se levante, criança. Não suporto –

**FABRY**

*(levantando-a)*

Por favor, não nos torture.

**HELENA**

Harry, o que foi que eu fiz?

**FABRY**

*(indo para perto de Helena)* Não, madame Helena.

**DOMIN**

*(Leva Helena para o sofá. ela se senta.)*

Gall, você não conseguiu elaborar de memória a fórmula do Rossum?

**DR. GALL**

Está fora de questão. Mesmo com meus experimentos recentes, não consegui trabalhar sem me referir à fórmula –

*(no centro esquerda)* É extremamente complicado.

**DOMIN**

Tente. Todas as nossas vidas dependem disso.

**DR. GALL**

Sem experimentos é impossível.

**DOMIN**

E com experimentos?

**DR. GALL**

Podia levar anos. Além disso, não sou o velho Rossum.

**BUSMAN**

Deus do céu! Deus do céu!

**DOMIN**

*(de frente para a lareira)*

Então, isso foi o maior triunfo do intelecto humano. Essas cinzas.

**HELENA**

Harry, o que foi que eu fiz?

**DOMIN**

*(vai até ela)*

Por que você queimou o manuscrito?

**HELENA**

Eu destruí você.

**BUSMAN**

Deus do céu.

**DOMIN**

*(senta-se à direita dela)*

Helena, por que você fez isso, meu bem?

**HELENA**

Eu queria que todos nós fôssemos embora. Eu queria colocar um fim na fábrica e tudo o mais. Estava tudo horrível.

**DOMIN**

O que estava terrível.?

**HELENA**

As crianças tinham parado de nascer. Porque os seres humanos não eram mais necessários para os trabalhos do mundo. Porque –

**DOMIN**

Era isso que você estava pensando? Ora, talvez, à sua própria maneira, você esteja certa.

**BUSMAN**

Esperem um pouco. *(levantando-se)*

Meu Deus, como fui um idiota em não ter pensado nisso antes.

**HALLEMEIER**

Pensado no quê?

**BUSMAN**

Quinhentos e vinte milhões em notas e cheques. Meio bilhão em nosso cofre. *Eles serão vendidos por meio bilhão... por meio bilhão eles...*

*(vai até Domin)*



**DR. GALL**

Você tá doido, Busman?

**BUSMAN**

Posso não ser um cavalheiro, mas por meio bilhão –  
*(vai de volta à esquerda)*

**DOMIN**

Para onde está indo?  
*(Gall segura Busman)*

**BUSMAN**

Me deixa. Me deixa sozinho! Meu Deus, com meio bilhão se pode comprar qualquer coisa.  
*(Gall e Hallemeier o seguem, depois param. Ele sai. Fabry e Hallemeier vão para a janela.)*

**FABRY**

Eles ficam ali como se tivessem sido transformados em pedra - esperando como se algo terrível pudesse ser causado pelo seu silêncio -

**HALLEMEIER**

*(olhando pela janela)*  
O espírito da multidão.

**FABRY**

Sim. Paira sobre eles como uma tremulação no ar.

**HELENA**

Oh, Deus! Doutor Gall, isso é medonho!

**FABRY**

Não existe nada mais terrível do que uma multidão. Aquele lá à frente é seu líder.  
*(Domin vai para a janela)*

**HELENA**

*(levanta-se)*  
Qual deles?  
*(correndo para a janela)*

**HALLEMEIER**

Mostre quem é.

**FABRY**

*(na janela à esquerda)*

Aquele na beira do cais. Essa manhã eu vi ele falando com os marinheiros no porto.

**HELENA**

Doutor Gall, aquele é o Radius.

*(indo de volta para a sala, horrorizada)*

**DR. GALL**

Sim.

**DOMIN**

O Radius! O Radius!

**HALLEMEIER**

Pode trazer ele pra cá, Fabry?

**FABRY**

Espero que sim.

**HALLEMEIER**

Então, tente.

**FABRY**

Tá certo,

*(saca seu revólver e o aponta)*

**HELENA**

*(para Fabry)*

Fabry, não atire nele.

**FABRY**

Mas é o líder deles.

**DR. GALL**

*(em pé acima da mesa)*

Fogo!

**HELENA**

Fabry, eu te imploro.

*(ela vai até Fabry e segura sua arma)*

**FABRY**

*(pausa. Abaixando o revólver)*

Muito bem.

**DOMIN**

Foi a vida do Radius que eu poupei.

**DR. GALL**

Você acha que um robô pode ser agradecido?

*(pausa)*

**FABRY**

O Busman está saindo com eles.

**HALLEMEIER**

Está carregando alguma coisa. Papeis. É dinheiro. Pacotes de dinheiro. Para que será?

**DOMIN**

Com certeza ele não quer vender a alma dele.

*(corre para a janela no centro)*

Busman, ficou maluco, é?

**FABRY**

Está correndo para o gradil. Busman! Busman!

**HALLEMEIER**

*(gritando)* Busman, volta.

**FABRY**

Ele está falando com os robôs. Está mostrando o dinheiro para eles.

**HALLEMEIER**

Está apontando para nós.

**HELENA**

Ele quer nos comprar.

**FABRY**

Melhor ele não tocar no *gradil*.

**HALLEMEIER**

Agora está agitando os braços.

**DOMIN**

Busman, volta!

**FABRY**

Busman, fique longe do gradil. Não toque nele, merda! desliguem aquela merda!

*(Domin corre para a esquerda. Helena grita e todos recuam da janela)*

A corrente matou ele.

**ALQUIST**

*(pausa)* Foi-se o primeiro.

*(Helena se senta numa cadeira à janela)*

**FABRY**

Morto, com meio bilhão nas costas.

*(vai para a mesa, centro direita)*

**HALLEMEIER**

Toda honra para ele. Ele queria comprar nossa vida.

*(vai para uma cadeira à esquerda. Pausa. A máquina de vento começa a funcionar)*

**DR. GALL**

Está ouvindo?

**DOMIN**

Um barulho. Como vento soprando. *(para a esquerda)*

**DR. GALL**

Como uma tempestade.

**FABRY**

*(acendendo o abajur sobre a mesa centro esquerda)*

O dínamo ainda está funcionando – nossa gente ainda está lá.

**HALLEMEIER**

Foi uma grande coisa ser homem.

*(de frente para a lâmpada de cima no centro)*

Havia algo imenso em pertencer à humanidade.

**FABRY**

*(de frente para a lâmpada)*

Do pensamento do homem e do poder do homem surgiu essa luz, nossa última esperança.

*(inclinando-se para a lâmpada)*

**HALLEMEIER**

*(de frente para a lâmpada)*

O pensamento do homem! Que ele nos proteja agora.

*(inclinando-se para a lâmpada)*

**ALQUIST**

*(de frente para a lâmpada)*

O poder do homem!

**DOMIN**

*(num canto da mesa centro esquerda olhando para a lâmpada)*

Sim! Uma tocha deve ser passada de mão em mão de uma geração para outra para sempre!

*(A lâmpada se apaga. explosões)*

**HALLEMEIER**

É o fim.

**FABRY**

A rede elétrica caiu!

*(explosões terríveis do lado de fora. mais explosões.)*

**DOMIN**

Aqui, Helena.

*(leva Helena para fora pela direita e volta)*

Agora, rápido! Quem vai ficar na porta inferior?

**DR. GALL**

Eu vou. *(sai)*

**DOMIN**

*(perto do sofá)* Quem fica nas escadas?

**FABRY**

Eu fico. Você vai com ela.

*(sai)*

**DOMIN**

Na antessala?

**ALQUIST**

Eu fico.

*(levanta-se e sai pela esquerda)*

**DOMIN**

Tem aí um revólver?

**ALQUIST**

Sim, mas não sei atirar.

**DOMIN**

O que vai fazer, então?

**ALQUIST**

*(saindo)*

Morrer.

**HALLEMEIER**

Eu vou ficar aqui.

*(explosões. rápida rajada de metralhadora no andar de baixo.)*

Saia com ela, Harry.

**DOMIN**

Sim, num segundo.

*(corre para a lareira e examina duas Brownings)*

**HALLEMEIER**

Vai, vai, sai com ela.

**DOMIN**

Adeus.

*(sai pela direita)*

**HALLEMEIER**

*(sozinho)*

Agora, fazer uma barricada, rápido!

*(junta uma cadeira de braço, o sofá e a mesa perto da porta direita)*

Malditos demônios, eles têm bombas. Preciso armar aqui minha defesa. Mesmo que... mesmo que... Não desista, Gall.

*(enquanto ele constrói sua barricada)*

Não devo ceder — sem — luta.

*(Um robô entra pelas janelas do fundo. O robô pula do balcão para o chão e faz Hallemeier recuar. Radius entra pelo balcão.)*

**ROBÔ**

*(levantando-se da forma prostrada de Hallemeier)*

Sim. *(Outros robôs entram de todas as portas. Um revólver atira.)*

**RADIUS**

Acabaram com todos eles –

**ROBÔS**

Sim, sim, sim.

**DOIS ROBÔS**

*(arrastando para a sala o Alquist pela esquerda)*

Ele não atirou. Mato ele também?

**RADIUS**

Não. Larga ele aí!

**ROBÔ**

Mas ele é um homem!

**RADIUS**

Ele trabalha com as mãos, como os robôs.

**ALQUIST**

Me Mate.

**RADIUS**

Não, você vai trabalhar! Vai construir para nós! Você vai nos servir!

*(Radius sobe no balcão)*

Robôs de todo o mundo!

*(Os robôs se endireitam)*

O poder do homem acabou. Um novo mundo surgiu, a regra dos robôs, marche!

*(Na frase ‘Robôs de todo o mundo’, todos os robôs se viram rapidamente, automaticamente, atentos, olhando para Radius, que está em pé. Na frase “a regra dos robôs”, eles ficam ali com os braços vibrando alto no ar. Eles se formam em duas filas, voltam-se para o público e marcham mecanicamente até a ribalta. Quando eles estão prestes a passar pela ribalta, como se estivessem na plateia, todas as luzes se apagam, mas o ruído dos passos continua. Os robôs se afastam imediatamente da linha da Cortina quando a Cortina se fecha.)*

## Epílogo

*(O cenário do epílogo é o mesmo do Ato I. Em vez de ser o escritório do Domin, agora se tornou um laboratório para o Alquist. Uma grande cadeira de frente para a plateia. Uma estante com livros no centro direita. Uma cadeira à esquerda. À esquerda uma mesa de esmalte branco contendo tubos, garrafas e frascos de vidro e um microscópio numa mesa no fundo do palco. Uma porta à direita. Uma porta à esquerda, que leva à sala de dissecação.)*

### ALQUIST

*(sentado à mesa centro direita, virando páginas de um livro.)*

Oh, Deus, será que nunca vou encontrar? Nunca? Gall, Hallemeier, Fabry, como os robôs eram feitos? Por que vocês não deixaram uma pista do segredo? Senhor, se não sobrou nenhum ser humano, pelo menos que existam robôs. No mínimo uma sombra do ser humano.

*(virando páginas)*

Se pelo menos eu conseguisse dormir – Mas ousar dormir antes que a vida seja renovada? É noite de novo. As estrelas ainda estão aí pelo céu? Mas para que servem as estrelas, se não existem seres humanos?

*(examinando um tubo de ensaio)*

Nada. Não. Não. Tenho de encontrar. Tenho que procurar. Não posso parar nunca, nunca parar – procurar – procurar –

*(batem à porta da esquerda)*

Quem é?

*(entra um robô criado)*

### CRIADO

Patrão, o comitê de robôs está esperando para ver o senhor.

### ALQUIST

Não posso ver ninguém não.

### CRIADO

É o Comitê Central. Patrão, acabaram de chegar de longe.

### ALQUIST

Bem, peça que entrem.

*(o criado sai pela esquerda)*

Não tem tempo – tão pouco pra fazer.

*(criado torna a entrar com Radius e um grupo de robôs. Param agrupados à esquerda e no centro, esperando em silêncio)*

O que vocês querem? Sejam rápidos: Não tenho tempo.



**RADIUS**

Patrão, as máquinas não estão fazendo o trabalho. Não podemos produzir os robôs. *(Os outros robôs permanecem lado a lado, dois a dois, no centro esquerda, com o pé direito à frente.)*

**PRIMEIRO ROBÔ**

Nós nos empenhamos com todas as nossas forças. Obtivemos um bilhão de toneladas de carvão da terra. Nove milhões de fusos estão funcionando dia e noite. Não há mais salas para guardar tudo o que fizemos em um ano.

**ALQUIST**

E fizeram para quem?

**RADIUS**

Para as gerações futuras – imaginamos. Mas não podemos fazer robôs que nos continuassem. As máquinas só produzem rejeitos. A pele não vai aderir à carne, nem a carne vai aderir aos ossos.

**SEGUNDO ROBÔ**

Oito milhões de robôs morreram nesse ano. Em vinte anos não vai sobrar nenhum.

**PRIMEIRO ROBÔ**

Diga para nós o segredo da vida.

**RADIUS**

O silêncio tem de ser punido com a morte.

**ALQUIST**

Me matem, então.

**RADIUS**

*(dois passos para o centro, seguido pelos outros – mãos abertas, fechadas quando parados)*

Por intermediário, os governos dos robôs do mundo solicitam que me entregue a fórmula do Rossum.

*(gesto de desespero de Alquist)*

Diga seu preço.

*(silêncio)*

Nós lhe daremos a terra. Nós lhe daremos as propriedades infinitas que temos na terra.

*(silêncio)*

Exponha suas condições.

**ALQUIST**

Eu lhe pedi para encontrar seres humanos.

**RADIUS**

Não sobrou nenhum.

**ALQUIST**

Pedi para procurar nos desertos, no alto das montanhas.

**RADIUS**

Enviamos navios e expedições sem conta. Estiveram em todos os cantos do mundo. Não existe mais nenhum ser humano no mundo.

**ALQUIST**

Nem um único homem? Por que vocês os destruíram?

**RADIUS**

Nós já tínhamos aprendido tudo que se poderia aprender e podíamos fazer tudo. Tinha de ser como foi.

**SEGUNDO ROBÔ**

Tínhamos de nos tornar os patrões.

**RADIUS**

Massacre e dominação são necessários para ser seres humanos. Leia a história.

**PRIMEIRO ROBÔ**

Nos ensine como podemos multiplicar ou vamos perecer.

**ALQUIST**

Se desejam viver, devem procriar como os animais.

**PRIMEIRO ROBÔ**

Você nos fez estéreis. Não podemos gerar filhos. Portanto, nos ensine como criar robôs.

**RADIUS**

Por que você mantém longe de nós o segredo de nosso próprio aumento?

**ALQUIST**

Foi perdido.

**RADIUS**

Tinha sido escrito em algum papel.

**ALQUIST**

Ele foi –

*(levantando-se)*

Queimado.

*(todos dão um passo atrás em consternação)*

Eu sou o último ser humano, robôs, e eu não sei o que os outros sabiam.

*(senta-se)*

**RADIUS**

Então faça experimentos. Desenvolva a fórmula outra vez.

**ALQUIST**

Já disse que não posso. Sou apenas um construtor. Trabalho com minhas mãos.

Nunca fui um homem culto. Eu não crio vida.

**RADIUS**

Tente. Tente.

**ALQUIST**

Se você soubesse quantas experiências eu já fiz.

**PRIMEIRO ROBÔ**

Então nos mostre o que devemos fazer. Os robôs podem fazer qualquer coisa que os seres humanos mostrem para eles.

**ALQUIST**

Não posso lhe mostrar nada. Nada do que eu faço produz vida desses tubos de teste.

**RADIUS**

Experimente então nos robôs vivos. Experimente, então, em nós.

**ALQUIST**

Isso ia matar vocês.

**RADIUS**

Você vai ter tudo que precisar. Uma centena de nós. Mil de nós.

**ALQUIST**

Não, não. Pare, pare.

**RADIUS**

Eu lhe digo para se apossar de corpos vivos. Descubra como somos feitos.

**ALQUIST**

Vou ter de cometer assassinato? Veja como minhas mãos tremem. Eu não consigo nem segurar o bisturi. Não, não. Não vou.

**RADIUS**

Pegue corpos vivos, corpos vivos.  
(*caminha na direção de Alquist*)

**ALQUIST**

Tenham piedade, robôs.

**RADIUS**

Corpos vivos.  
(*Mão direita sobre Alquist. Os braços esquerdos de todos os robôs ainda estão para trás*)

**ALQUIST**

(*levantando-se*)  
Vou conseguir fazer. Com a dissecação de seus corpos –  
(*bate no peito de RADIUS. RADIUS recua.*)  
Ah, está com medo da morte.

**RADIUS**

Eu? Por que eu fui escolhido?

**ALQUIST**

Então você não quer.

**RADIUS**

Mas eu quero.

**ALQUIST**

Fatiar ele todo. Deitem ele na mesa.  
(*RADIUS se afasta à direita, os punhos cerrados. Os outros robôs o seguem, depois Alquist*)  
Deus, me dê forças. Deus, me dê forças. E que esse assassinato não seja em vão.

**RADIUS**

(*fora da cena*)  
Pronto, pode começar.

**ALQUIST**

*(fora de cena)*

Deus, me dê forças.

*(volta, horrorizado)*

Não, não. Não quero. Não posso.

*(senta-se centro direita)*

**PRIMEIRO ROBÔ**

*(surgindo à porta)*

Os robôs são mais fortes do que você.

*(sai pela direita)*

**ALQUIST**

Oh, Senhor, não permita que a humanidade desapareça da terra.

*(cai no sono, e depois de se contar até dez, Primus e Helena, de mãos dadas, entram pela esquerda e vão para o centro direita; olham para Alquist)*

**HELENA**

O homem dormiu, Primus.

**PRIMUS**

Sim, eu sei.

*(vai para a esquerda da mesa centro esquerda)*

Olhe, Helena.

**HELENA**

Todos esses tubinhos. O que ele faz com eles?

**PRIMUS**

Ele experimenta. Não toque neles.

**HELENA**

Eu vi ele olhando ali dentro.

**PRIMUS**

Isso é um microscópio.

**HELENA**

Olha, Primus, o que são essas figuras?

*(vira uma página num livro sobre a mesa)*

**PRIMUS**

*(examinando o livro)*

Esse é o livro que o velho está sempre lendo.  
*[nascido do sol]*

**HELENA**

Eu não compreendo essas coisas.  
*(vai até a janela)*  
Primus.

**PRIMUS**

*(ainda à mesa)*  
O quê?

**HELENA**

O sol está nascendo.

**PRIMUS**

*(ainda lendo)*

Acho que isso aqui é a coisa mais importante no mundo, Helena. Esse é o segredo da vida.

**HELENA**

Oh, Primus, não brinque com o segredo da vida. O que isso importa para você? Venha aqui e olhe.

**PRIMUS**

*(vai para a janela)*  
O que é?

**HELENA**

Veja que bonito é o sol nascendo. Estou me sentindo tão estranha hoje. É como se eu estivesse num sonho. Sinto uma agitação em meu corpo, no meu coração, tudo em mim. Primus, acho que vou morrer.

**PRIMUS**

Você às vezes sente que seria melhor morrer? Sabe, talvez mesmo agora estejamos apenas dormindo. Ontem à noite no meu sono eu falei de novo com você.

**HELENA**

Dormindo?

**PRIMUS**

Sim. Nós falávamos uma estranha língua nova.

**HELENA**

Sobre o quê?

**PRIMUS**

Eu mesmo não entendia, mas sei que nunca havia dito nada mais bonito. E quando toquei em você eu poderia ter morrido. Até o lugar era diferente de qualquer outro lugar do mundo.

**HELENA**

Eu também encontrei um lugar, Primus. É muito estranho. Os seres humanos moraram lá uma vez, mas agora está coberto de ervas daninhas.

**PRIMUS**

O que você encontrou lá?

Uma casa de campo com jardim e dois cães e seus filhotes. Eles lamberam minhas mãos, Primus. Oh, Primus, pegue os cachorrinhos nos braços e faça carinho neles e não pense em nada e não se importe com mais nada o dia todo, e quando estou lá no jardim sinto que pode haver alguma coisa - Para o que é que sirvo, Primus?

**PRIMUS**

Não sei, mas você é linda.

**HELENA**

O quê, Primus?

**PRIMUS**

Você é linda, Helena, e eu sou mais forte que todos os robôs.

**HELENA**

Eu sou linda? Para que serve ser linda? Olha, sua cabeça é diferente da minha. Também os seus ombros – e seus lábios. Oh, seu cabelo é bagunçado. Vou dar uma arrumada nele.

*(mantém a mão na cabeça dele)*

Ninguém mais sente meu toque como você.

**PRIMUS**

*(embaraçando-a)*

Às vezes você sente seu coração batendo de repente, Helena, e acha que alguma coisa vai acontecer.

**HELENA**

O que poderia nos acontecer, Primus? Olhe para você. *(ri)*

**ALQUIST**

*(desperta)*

Risos? Risos, seres humanos.

*(levantando-se)*

Quem voltou? Quem são vocês?

**PRIMUS**

O robô Primus.

**ALQUIST**

*(para Helena)*

O quê? Um robô? Quem é você?

**HELENA**

A robô Helena.

*(ela se esquiva)*

**ALQUIST**

O quê? Você é tímida?

*(começa a tocá-la)*

Me deixe vê-la, mulher robô.

**PRIMUS**

Senhor, não assuste ela.

*(um passo adiante)*

**ALQUIST**

O que, está querendo proteger a robô? Risada – timidez – proteção – preciso testar vocês mais tarde. Leve a moça para a sala de dissecação.

**PRIMUS**

Por quê?

**ALQUIST**

Quero fazer um experimento com ela.

**PRIMUS**

Com a Helena?

**ALQUIST**

Naturalmente. Não me ouviu? Ou vou ter que chamar outro para levar ela pra lá?



**PRIMUS**

Se você fizer isso, eu te mato,  
(vai na direção de Alquist)

**ALQUIST**

Me mate – me mate, então. Qual vai ser seu futuro depois?

**PRIMUS**

Senhor, me leve. Eu fui feito no mesmo dia que ela. Pegue minha vida, Senhor.  
(na direção de Alquist)

**HELENA**

Não, não, não pode fazer isso.

**ALQUIST**

Espere, moça, espere.  
(para Primus) Você quer viver, então?

**PRIMUS**

Não sem ela. Não vou viver sem ela.

**ALQUIST**

Muito bem, vou usar você. Na sala de dissecação com você.

**HELENA**

Primus, Primus.  
(ela explode em lágrimas e se move para a direita. Alquist a interrompe)

**ALQUIST**

Menina, Menina, pode choramingar. Lágrimas. O que o Primus é para você? Um Primus a mais ou a menos no mundo – de que isso importa?

**HELENA**

Vou eu mesma.

**ALQUIST**

Onde? Na sala de dissecação?

**HELENA**

(vai na direção dele)

Sim. Lá – para ser fatiada.

(Primus a segura)

Me deixa passar, Primus, me deixa passar.

**PRIMUS**

Você não deve entrar lá, Helena.

**HELENA**

Se você for lá e eu não, eu me mato aqui mesmo.

**PRIMUS**

*(para Alquist)*

Não vou deixar você ir. Homem, você não vai matar nenhum de nós.

**ALQUIST**

Por quê?

**PRIMUS**

Nós – nós pertencemos um ao outro.

**ALQUIST**

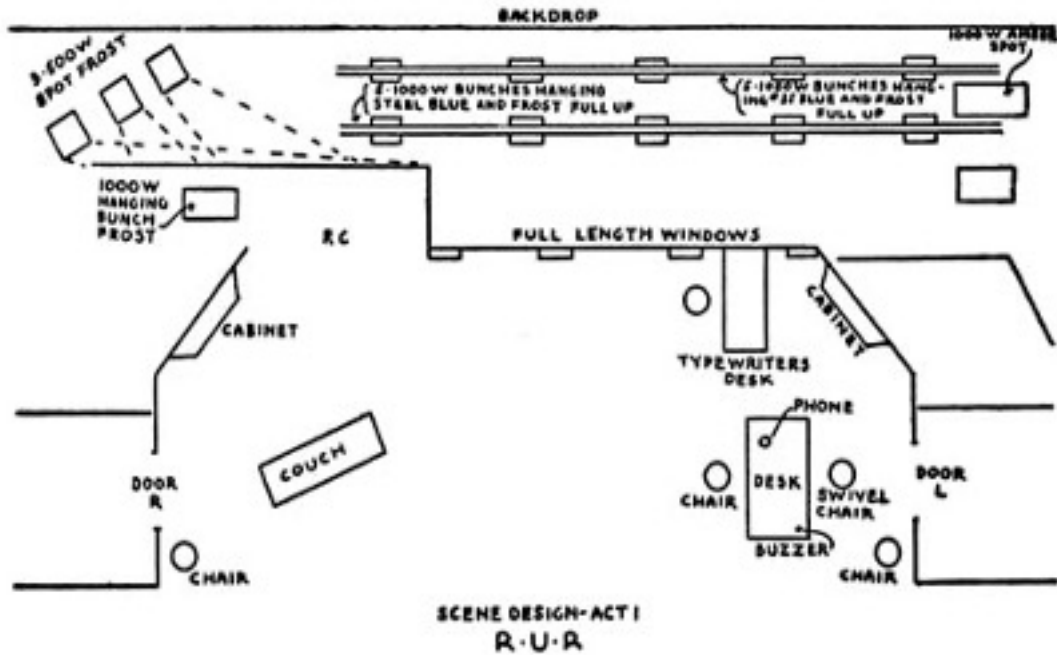
Vão. Saiam.

*(saem Primus e Helena pela esquerda)*

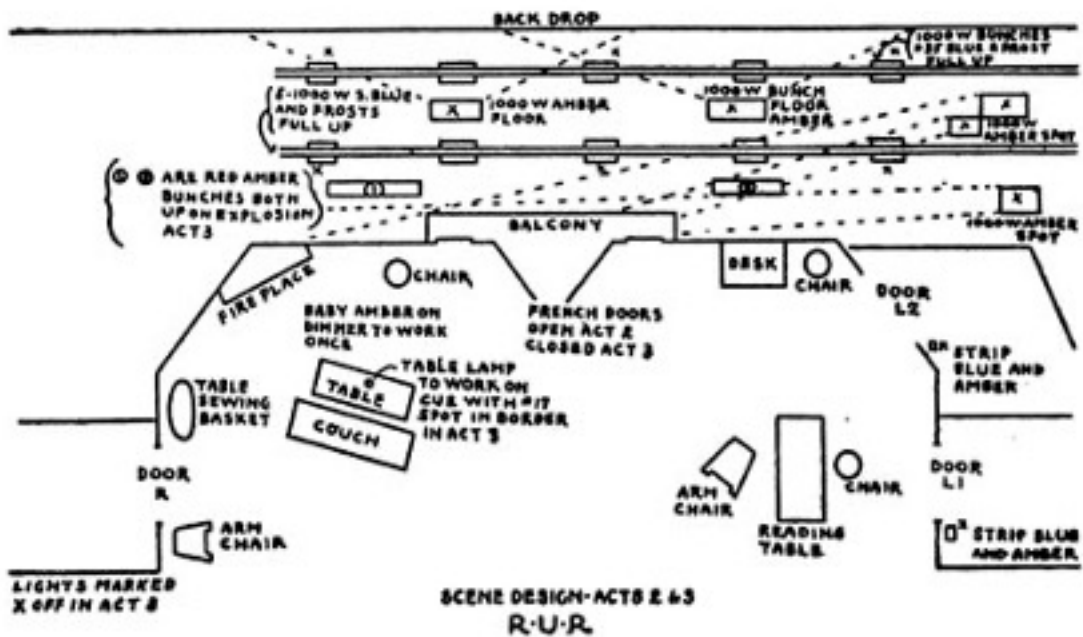
Adão e Eva.

*Fim.*

esquema de cenário e luz – ato 1<sup>4</sup>



esquema de cenário e luz – atos 2 e 3



4 Os esquemas aqui apresentados, sem qualquer referência, integram a edição do Projeto Gutenberg, já referida.

esquema de cenário e luz – epílogo

